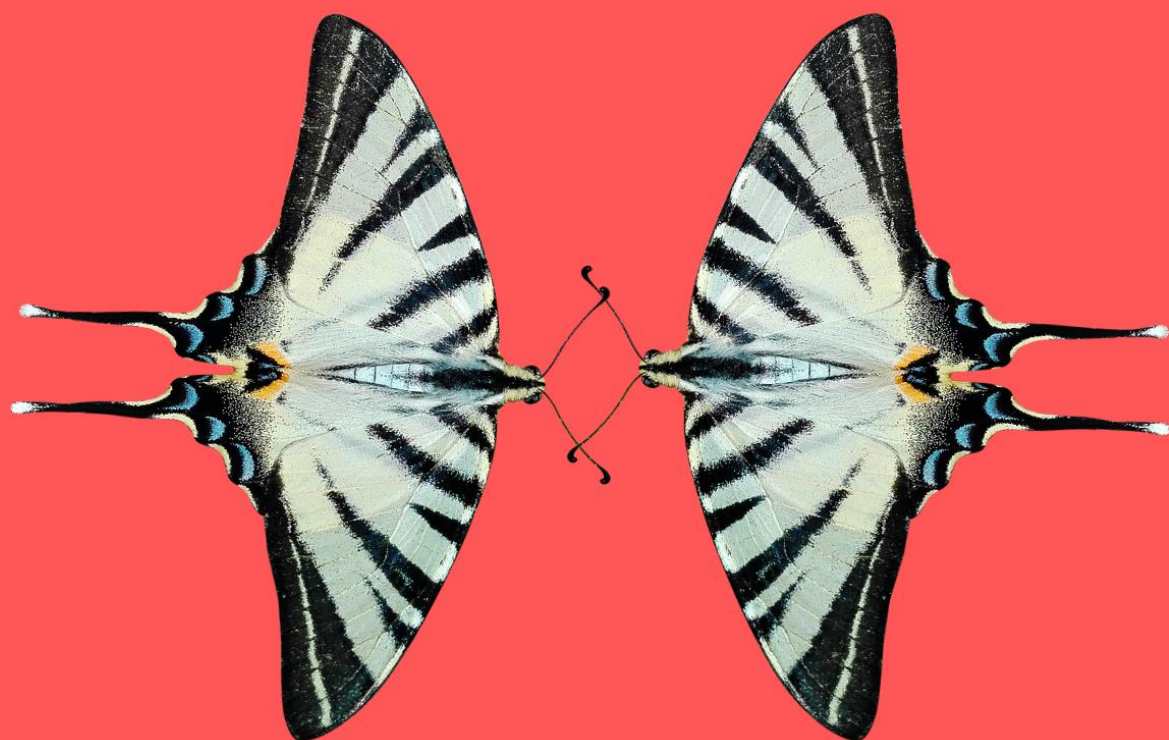


coleção laboratório de autoria  
núcleo literatual



VOZ  
es  
rev  
elad  
as

prefácio de  
Natalia Borges Polesso

Marcio Markendorf  
(organizador)

# **Vozes Reveladas**

– Laboratório de Autoria Feminina –  
Projeto do Núcleo Literatual

Florianópolis  
Universidade Federal de Santa Catarina  
2019

**Núcleo Literatual**  
Jair Zandoná  
Marcio Markendorf  
Simone Pereira Schmidt  
Rosana Cássia Kamita

**Revisão do original**  
Rosana Cássia Kamita  
Simone Schmidt

**Projeto gráfico e diagramação**  
Marcio Markendorf e Jair Zandoná

**Realização do Laboratório de Autoria**  
Núcleo Literatual  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Fundação Cultural Badesc

**Ministrantes do Laboratório de Autoria**  
Clarice Fortunato Araújo  
Chris Mayer  
Daniela Stoll  
Thalita Coelho  
Vanessa Camassola Sandre

V977

Vozes reveladas [recurso eletrônico] / Marcio Markendorf (organizador). – Dados eletrônicos. – Florianópolis : Universidade Federal de Santa Catarina, 2019. 84 p.

Laboratório de Autoria Feminina  
Projeto do Núcleo Literatual  
Inclui bibliografia  
E-book (PDF)  
Disponível em: <<http://literatual.cce.ufsc.br/>>  
ISBN 978-65-80460-10-6

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Prosa . I. Markendorf, Marcio.

CDU: 8

## Prefácio

Fui convidada pelo Núcleo de Pesquisa Literatual, mais especificamente pelo Marcio Markendorf, para escrever o prefácio deste volume, fruto de um laboratório de escrita, com autoria de mulheres. Considero sempre um desafio tentar abarcar num texto algo que nasceu para ser tão plural, então aqui me proponho a captar algumas nuances dessas escritas tão dinâmicas.

Mas antes, gostaria de dizer que tenho participado de muitas iniciativas que se empenham em criar amostras de nossas letras, e também tenho escrito muitos prefácios, apresentações e orelhas, de coletâneas, antologias, registros de eventos e mesmo de livros de autoria. Isso me alegra imensamente, pois é um indicativo que possibilita compreender a abundância desses documentos. Significa que a produção escrita por mulheres tem andado muito bem obrigada. São diversas iniciativas que vejo como essa do núcleo de pesquisa da UFSC.

Os textos aqui presentes foram fruto de uma oficina na Fundação Cultural Badesc. Participaram dos encontros 22 mulheres, algumas já com certa experiência nos domínios da ficção e da poesia, outras ainda preparando o voo, mas aqui, neste espaço, todas em experiências de compartilhamento, aprendizagem, leitura e escuta, certamente. Nem todas participam da presente antologia, ou seja, não estarão publicadas, o que não implica no fato de que estejam escrevendo em outros espaços.

Compuseram o grupo deicineiras Clarice Fortunato Araújo (escritora negra, com um romance a ser lançado pela Pallas), Daniela Stoll (escritora bissexual, autora do romance "Do lado de dentro do mar", publicado pela Patuá), Chris Mayer (fotoarteira lésbica e atriz palhaça), Vanessa Camassola Sandre (cineasta, diretora do curta-metragem premiado "Nuvem") e Thalita Coelho (poetisa lésbica, autora do livro de poemas "Terra molhada", lançado pela Patuá). Foram chamadas para o projeto mulheres que fazem parte de diferentes campos da arte e da literatura, o que colabora para um exercício de escrita mais plural. Penso que este seja um cuidado de quem organiza e pensa na importância do repertório e das trocas.

Falando de exercícios plurais, há algum tempo tenho pensado e encarado a literatura como um exercício diário, necessário, exaustivo até, mas muito recompensador. Não que a lógica da recompensa se estabeleça aqui, mas entendo que se pensarmos a literatura como exercício, como prática, anulamos, de certa forma, a ideia de uma escrita engessada. Anulamos a ideia de que há apenas um modo de produzir “boa” literatura. E o que é boa literatura? Para mim, aquilo que me toca, aquilo que mexe com meu interior é a literatura que estimo. E fico extremamente contente que espaços assim, como o dessa oficina e antologia, viabilizem a publicação cada vez mais ampla de escritoras. Pois é apenas desse modo que terei a oportunidade de leituras diversas.

O resultado desse laboratório foram 15 textos: 6 de prosa e 9 de poesia.

Os textos em prosa são de autoria de Samara Hartt, Camila Hickenbick, Berenice Ferreira da Silva, Ginga Vasconcelos e Marcia Chagas. Durante sua leitura, passamos por encontros naufragados e a contestação dessa liquidez das relações, mas talvez isso seja para o melhor; rimos com sarcásticos questionamentos sobre o fim, o que dizer e a quem dizer a sua palavra final?; confrontamos a praticidade do cotidiano e suas inutilidades poéticas; sentimos as inquietações sobre pertencimento, sobre o vazio que a colonização deixa nas existências em maior ou menor grau, aprendemos sobre o racismo e como lidar com seus mecanismos; navegamos rumo a incertezas também; e, finalmente nossos corações passam por toda a crueldade instalada na adolescência, mas também por toda a riqueza das primeiras aprendizagens e dos primeiros gostos.

Os textos em poesia são de autoria de Julia Pozzetti, Eloísa da Silva, Helena Cirimbelli, Naylane Araújo Matos, Maiara Passos, Dayana Mara Pinto, Ginga Vasconcelos e Cecília Schmidt da Cruz. Por aqui temos selváticas meninas que devoram lobos maus; incêndios amarelos; os ciclos do mundo e os nossos próprios ciclos; medos camuflados; o *nonsense* do golpe registrado, a misoginia datada, o levante do fascismo

denunciado; amores desfeitos no vento; mapas, bússolas, planos e a intuição para perspectivas outras.

Aqui neste pequeno repositório de invenções podemos encontrar um mundo de imagens em narrativas realistas, prosa poética, estrofes ritmadas ou poesia narrativa e até romances potenciais. Tanto a prosa quanto a poesia escrita por mulheres não pode mais ser apresentada como temática ou identitária, transcendemos as imposições, escrevemos sobre mundos, nossos mundos, compartilhados. Nestas páginas, a amostra é vasta e vale a atenção.

Desejo a todas e todos uma boa leitura e desejo também que sejam curiosos e curiosas em suas buscas narrativas, sejam elas para a leitura ou para o exercício indômito da escrita!

Desfrutem!

**Natalia Borges Polesso, escritora**

## **Sobre o Laboratório de Autoria Feminina**

O Núcleo Literatual – Núcleo de Estudos Feministas e Pós-coloniais de Narrativas da Contemporaneidade (UFSC), em parceria com a Fundação Cultural BADESC, ofereceu um Laboratório de Autoria Feminina nos dias 15, 22 e 29 de setembro de 2018. O curso foi desenhado para contemplar até 20 participantes – e o processo seletivo nos surpreendeu com pouco mais de 60 inscrições. O processo de escolha das participantes, como se deve imaginar, não foi uma empreitada fácil.

A proposta era muito simples: um laboratório de autoria de mulheres para mulheres. Com tal objetivo em mente, reunimos escritoras, roteiristas e pesquisadoras da literatura para instrumentalizar outras mulheres com ferramentas de ficção em uma atividade inteiramente gratuita. Este projeto piloto contemplou, entre teoria e prática, os seguintes tópicos: a produção literária de mulheres; aspectos da narrativa ficcional; imagem, movimento, escrita e feminismo; escritas de si: escrevivência, resistência e representação.

O resultado do percurso encontra-se materializado neste *e-book*, um volume que inaugura outras etapas do projeto, e assinala a vontade do Literatual de, mais do que pesquisar a literatura, também promover a produção literária na região da Grande Florianópolis.

Equipe Literatual

## FICCIONISTAS DO VOLUME

<i>Amor líquido</i> .....	Samara Hartt
<i>A-talhos para um poema</i> .....	Berenice Ferreira
<i>Normalista nada normal</i> .....	Marcia Chagas
<i>Se mate, Carlos</i> .....	Camila Hickenbick
<i>Confissões dos corredores vazios</i> .....	Ginga Vasconcelos
<i>Sete anos</i> .....	Ginga Vasconcelos
<i>Coração negro</i> .....	Ginga Vasconcelos
<i>Do amor e do vento</i> .....	Ginga Vasconcelos
<i>Noites brancas em Praga</i> .....	Cecília Schmidt da Cruz
<i>Sem título</i> .....	Dayana Mara Pinto
<i>Tudo é ciclo</i> .....	Helena Cirimbelli
<i>Amarelo</i> .....	Eloisa da Silva
<i>Como uma menina que corre para devorar o lobo mau</i> .....	Julia Pozzetti
<i>Ser repórter</i> .....	Maiara Passos
<i>Poemas</i> .....	Naylane Araújo Matos



## Amor líquido

Samara Hartt

Hoje ela falaria. Ele havia assistido aquele filme que ela comentara da outra vez. Era um filme sobre um relacionamento como o deles. O casal tinha se conhecido por um aplicativo, tinham se apaixonado, no fim do filme começaram a namorar. Eles iriam conversar sobre o filme e ela falaria. Será que aquele vestido estava bom ou era melhor colocar outro? Será que iria chover? Deveria levar um casaco? Seis e meia. Em meia hora ele viria para buscá-la. Mas por que ela estava se enganando? Ele sempre se atrasava pelo menos quinze minutos. Ele se atrasou em cinco dos sete encontros que eles tiveram nesses três meses. Talvez fosse melhor não falar. Melhor trocar o vestido.

Uma buzina. Será que já é ele? Não, não, o vizinho esqueceu a chave do portão de novo. Agora só falta a maquiagem. O celular vibrou. Mensagem. Ele vai se atrasar quinze minutos. Isso quer dizer meia hora. Pensando bem, ele vinha se atrasando cada vez mais. Sem problemas, assim ela podia se maquiar sem pressa e se acalmar, porque o relacionamento deles iria mudar depois daquela noite. Ia ficar mais sério. Depois de hoje ela poderia mandar uma mensagem pra ele simplesmente pra falar que estava com saudades, que queria ele na sua cama numa quarta-feira chuvosa, que eles não precisavam mais sair pra beber antes de qualquer coisa.

Maldita mão pesada que bota blush demais quando está nervosa. Agora ela tinha que começar tudo de novo. Era assim mesmo que amadureciam os relacionamentos? Com três palavras? Não, era com a conversa que viria depois das três

palavras. Era assim mesmo? Como tinha sido com os seus ex-namorados?

Com o primeiro ela tinha ganhado um buquê de flores, Uma flor para uma flor. Ele sempre foi clichê, até quando a traiu com a sua melhor amiga. Você sabe que eu sou um fraco, ele disse, mas é de você que eu gosto. Tchau, tchau. Depois veio o segundo, e fez com que ela esquecesse toda a decepção que o primeiro tinha trazido. Namoraram por um ano e nove meses. Tudo bem você ser atriz, eu sustento você se precisar. Tchau. O terceiro se mudou pra França e nunca mais voltou. Adeus.

A maquiagem está boa. Agora é só esperar. Depois foi mais difícil arranjar um namorado. Ela já era culta demais, exigente demais, vivida demais. Começou a era dos aplicativos e os amores se tornaram mais líquidos. Escorriam pela sua mão. Às vezes era difícil ficar sozinha, então ela ficava com caras que não queriam compromisso. Mas com ele seria diferente. Ele dizia que não queria se apegar, como os outros, mas o jeito que ele a olhava era cheio de ternura. Ela sentia que podia alcançar a sua alma, machucada demais pelas namoradas anteriores. Ele a entenderia.

Luc miou. Está com fome. Não vai encher de pelo a minha roupa! Ele era diferente. Ele era sensível. Ele a via como ela era. Tá, isso já é demais. Ela falava poucas intimidades porque ele também não falava muito dele. Mas isso iria mudar hoje. Ela falaria. Ele a enxergaria. Ele corresponderia o sentimento. Eles se beijariam de uma forma que nunca tinham se beijado. Será que ela estava sendo romântica demais?

Os homens não gostam de mulheres românticas demais. O celular vibrou. A Ana convidando para ir ao bar. Não posso,

vou sair com o Edu. O babaca de novo?, respondeu a amiga. Ele não é babaca, só está desiludido com o amor. Ele disse que depois do último relacionamento fechou uma gaveta que não queria mais abrir. Mas ela enxergava aquela gaveta sendo aberta lentamente.

Uma buzina. Agora é ele. Vinte e cinco minutos atrasado. Não precisa subir, eu desço. Uma última conferida no espelho. Vai ficar tudo bem. Ah, esse sorriso dele é irresistível. Como passou a semana?, ela perguntou, entrando no carro. Bem, muito trabalho. É, eu também. Ainda não decorei direito as minhas falas, mas os ensaios estão muito bons. Quando vocês estreiam mesmo? Daqui a dois meses. Vai querer assistir? Ah, eu acho que não, gata... Eu te falei que eu durmo em teatro. Vai pegar mal pra vocês. Ah, mas a nossa peça é engraçada, você vai gostar. O sorriso irresistível dele de novo. Até lá a gente vê, gata.

Cerveja. Vamos beber que a semana foi cheia, ele disse. Ela perguntou, Conseguiu entregar os projetos que você tinha que entregar? Consegui. Tem mais um pra entregar semana que vem. Um gole de cerveja para disfarçar a falta de assunto. Ele olhou o celular. Já havia se entediado dela? Chega de falar de trabalho, ela disse. Vamos falar da gente. Ele tirou os olhos do celular, sorriu. Depois vamos pra minha casa ou pra sua, gata? Pode ser pra sua. Como tornar a conversa mais íntima? Será que já é tarde demais? Será que esse relacionamento não muito pessoal já está estabelecido e desta linha não passa mais?

Arrumou a casa dessa vez ou está uma bagunça de novo? Ela sorriu, provocou. Ele fez uma cara de criança levada. Vou

ter que admitir que está uma bagunça... A faxineira resolveu não ir e eu não tive tempo pra limpar. Ela continuou provocando, Isso significa que eu já sou de casa? Não tem mais cerimônia? Ele sorriu de um jeito tranquilo, como se aquelas palavras não o tocassem de maneira nenhuma. De certa forma, ele disse. Olhou o celular de novo. Maldito celular. Por que será a expressão amores líquidos? Ela não sabia, não havia lido Bauman. Era uma expressão curiosa. Será que é porque a gente tenta agarrar as pessoas e elas escorrem pelas nossas mãos? Será que é porque as pessoas querem se misturar brevemente, durante o sexo, se espalharem, escorregarem, se tocarem, mas logo depois se separarem como água e óleo, dois líquidos distintos?

Está muito barulho aqui. Vamos trocar de mesa?, ele sugeriu. Levantaram-se, foram para uma mesa mais distante da caixa de som. Ele ficou um tempo observando o rapaz que tocava violão no pequeno palco. Mas se as pessoas são líquidos nós podemos nos mergulhar nelas. Quando ele a deixaria mergulhar nele?

Está tocando ultimamente? Até que sim, ele respondeu. Estou tocando uma meia hora depois que chego do trabalho. Pra desestressar. Ela sorriu, Nada como a arte pra botar tudo pra fora. Não é arte... Eu só toco uns acordes. Isso é uma demonstração de humildade ou insegurança? Ou só uma maneira de a manter na superfície? E você, toca algum instrumento?, ele perguntou. Você já perguntou isso. Ah é? Desculpe, esqueci. Tudo bem, ela respondeu. Não toco não, só canto. Já te falei isso também. Ah é? Canta bem ou só no chuveiro? Ele realmente não lembrava de uma das primeiras conversas que tiveram. Acho que canto bem, ela respondeu. Já

trabalhei em um musical uma vez. Ah, sim. Lembrei que você já disse isso.

Outra cerveja. Você está linda hoje. Obrigada, sorriu. Era esse olhar que a encantava. Você assistiu ao filme, então? Assisti sim. Assisti pulando umas partes, não gosto de comédia romântica. E o que achou? Acho que você pode falar melhor que eu, mas as atuações me pareceram boas, ele respondeu. Sim, as atuações são boas. E você gostou da história? Ele respondeu, Sei lá, achei o relacionamento deles complicado demais, começam a ficar com ciúmes do outro, nada a ver. Verdade, ela concordou. No meio do filme eles já sabiam que um amava o outro, não tinha motivo para terem ciúme. Ela falou de amor. Será que era a hora? Nem por isso, ele respondeu. Eles já tinham combinado que queriam se relacionar casualmente, para que complicar as coisas? Ele a havia cortado. Com aquele jeito calmo, sutil, ele havia cortado brutalmente todas as possibilidades de falar de amor.

Um gole de cerveja. Bom, eles não planejavam se apaixonar. Aconteceu. Ele concordou com a cabeça. É, verdade, disse. Mais um gole de cerveja. Ainda não era a hora. Depois do sexo, talvez? Depois do orgasmo? Ele olhou o celular novamente. Começou a digitar uma mensagem. Ela olhou para o próprio celular, procurando dar privacidade a ele. Procurando mostrar que também tinha outras pessoas querendo falar com ela, mas ela escolhia dar atenção a ele. Ele terminou de digitar a mensagem e olhou para ela. Vamos tomar a terceira lá em casa, então? Sim, ela concorda. Só vou ao banheiro e já volto.

Fila no banheiro. O que será que aconteceu? Ela sempre ia eufórica pra casa dele, com vontade de ficar junto dele. Mas

agora ela se sentia um lixo. Para onde fora o seu encantamento? Será que as expectativas dela estavam muito altas? Ele nunca havia prometido amor, é verdade.

Ela volta e ele está digitando no celular de novo. Ele se levanta. Vamos, então? Ela responde, Na verdade eu tenho que ir pra casa. A minha amiga me mandou uma mensagem, diz que precisa desabafar e está indo pra lá. Ah, tá bom, te levo pra casa então, ele respondeu. Ele é inabalável, ou pelo menos finge ser.

Se quiser pode passar lá em casa mais tarde, ele falou na despedida. Acho que não vai dar, a minha amiga parece muito mal. Beleza, a gente marca qualquer dia. Sim, ela respondeu. Qualquer dia a gente marca.

## a-talhos para um poema

Berenice Ferreira da Silva

Morava numa casa pequena: dois quartos, sala, cozinha e um banheiro que insistia em mofar toda semana. Gostava de costurar, mas só podia praticar na velha máquina que ficara abandonada na casa que alugava há quatro anos, e sem uma *overlock* ficava difícil dar acabamento às peças. As roupas, inacabadas, acumulavam-se dentro de caixas de papelão que ela ia amontoando no quartinho da bagunça nos fundos da casa. Nas terças e quintas trabalhava como diarista no apartamento de uma psicóloga no centro. Com o dinheiro que recebia comprava coisas para as crianças, linhas, agulhas e, de vez em quando, um metro ou dois de tecido para saias, blusas e vestidos que nunca ficavam prontos. Fazia também a feira da semana, aliás, este era um de seus afazeres preferidos: mesmo sem comprar com frequência, gostava de sentir o cheiro das mangas palmer e dos maracujás e dedicava um minuto para sentir a textura dos pêssegos e dos kiwis, sempre muito caros. Quando voltava da feira gostava de observar atentamente os comércios da rua principal: os *outdoors* sorridentes, as manequins posando seus modelitos semanais na loja de roupas, o misto de cheiros - que na verdade era sempre o mesmo cheiro adocicado - saindo da loja de cosméticos, a padaria que sempre lhe atraía aos mini pães de queijo. Ah, e o imenso prédio em construção há mais de três anos: com todos aqueles cones na calçada, ela era obrigada a descer para a pista e disputar um espaço junto aos carros apressados. “Sua vida num único lugar”, anunciava o plantão de vendas.

Marta era seu nome. Não costumava refletir muito sobre a vida. Seus pensamentos estavam geralmente ocupados com seus afazeres diários: “preciso comprar mais alho”; “sobrou polenta no almoço, vou fazer polenta frita hoje à noite”; “o óleo tá acabando”; “preciso lavar o uniforme das crianças hoje pra secar até segunda”; “tenho que anotar ‘cerveja’ na lista de compras se não ele esquece de comprar e ainda me enche o saco no domingo durante o jogo”; “a patroa pediu um bolo de cenoura pra quinta-feira, preciso encontrar aquela receita no caderno”. Conforme essa lista mental ia se resolvendo, apareciam outros itens, e de vez em quando sobrava um tempo para pensar no modelo do vestido que pretendia costurar usando o tecido estampado com flores, aquele que comprara há duas semanas. Mas havia algo que sempre ficava por fazer. E entre tantas coisas, de tempos em tempos, um desejo despertava em sua memória: Marta queria escrever um poema.

Certa vez, quando concluía seu último ano de estudos, a oitava série, a professora de português havia levado um poema para a turma ler, e, como dever de casa, Marta teria que criar um poema de sua autoria. Tinha escrito qualquer coisa sobre amor e a professora havia gostado, mas desde então jamais escrevera algo como aquilo. Ainda assim, de tempos em tempos, Marta desejava escrever outro poema. Às vezes, quando atualizava a lista de compras, lembrava disso e rabiscava qualquer coisa abaixo do arroz ou da farinha: “Que lugar me contém?”; mas as listas iam ao mercado e lá mesmo se perdiam numa lixeira qualquer após as compras.

Quando Marta pegava o velho caderno de receitas para consultar um ingrediente ou uma medida, deparava-se, não raro, com outros rabiscos: “Sou um corpo que carrega outro



corpo. Sou outra?"; "Fechei os olhos e senti uma vertigem profunda / profundidade oca / vazia". Aos domingos, enquanto as crianças brincavam e ele assistia ao jogo, Marta costumava revirar as caixas em busca de uma peça de roupa esquecida. Entre moldes, cores e texturas, outros rabiscos apareciam. Relia-os, às vezes com um quase sorriso, às vezes com uma expressão de interrogação, mas logo os largava para o lado e concentrava-se uma vez mais na peça de roupa inacabada. "Ah, se eu tivesse uma *overlock*..." A lista de afazeres da próxima semana era repassada mentalmente: na última quinta-feira, a patroa havia dito que faria uma viagem, mas que Marta não deixasse de ir ao apartamento na próxima semana. E entre linhas, agulhas e a velha máquina de costura, ela decide: vou na sexta.

A semana corre como de costume: lista de compras, limpeza do banheiro mofado, uniformes de molho, roupas inacabadas se amontoando. Chega a sexta-feira. Marta acorda, encaminha as crianças para a escola e segue caminho até a feira. Feitas as compras, dessa vez incluindo alguns pêssegos cuja textura aveludada estava irresistível, ela vai em direção à fila de pagamento. A mulher que aguarda na sua frente comenta qualquer coisa sobre a falta de chuva, ao que Marta responde qualquer coisa em simpatia. Uma menina de uns 6 anos, provavelmente a filha, segura a mão da mulher. Como se fizesse uma confidência à mãe, a criança pergunta baixinho: "o que ela tem?" E aponta para uma senhora que escolhe tomates na banca da feira. A mãe olha naquela direção sem interesse, não diz nada à menina, vira-se outra vez para Marta e comenta qualquer coisa sobre o prédio em construção. Marta balbucia qualquer coisa, mas seu olhar está voltado para a velha

senhora que deixara a menina curiosa. A mulher escolhe tomates. Ao lado dela, apoiados num tomate verde, um bloquinho de anotações e uma caneta se equilibram. Após um instante, escolhidos os tomates, ela recolhe o bloquinho e a caneta, risca alguma coisa, confere outra e segue para a banca das cebolas.

Neste momento, os sons, as vozes, os cheiros e tudo o mais escapa aos sentidos de Marta, exceto as mãos da velha senhora segurando o bloquinho e a caneta. Sentia-se tão incrivelmente atraída por aquelas mãos tão íntimas do papel e da tinta que nem percebe o inchaço e a mancha roxa cobrindo parte do rosto da mulher. No entanto, seu pequeno transe é interrompido pela voz da companheira de fila, que a chama. Era sua vez de pesar as compras e pagar o feirante. Um tanto desconcertada, Marta pega as sacolas e resiste a olhar uma vez mais para trás em busca daquelas mãos. Na volta para casa, cruza a rua e evita disputar espaço com os carros em frente ao prédio em construção; passa pelas lojas e pela padaria sem percebê-las. Chegando em casa, guarda as compras da feira, esquenta a sobra da janta e almoça. Faz tudo isso automaticamente, enquanto divaga naquelas mãos. Quando olha para o relógio em cima da geladeira toma um susto. “Estou atrasada!”

Deixa as louças na pia, pega a bolsa e sai em direção à parada de ônibus. Se perdesse o das 12h30 chegaria muito tarde ao centro. Era sexta-feira, não queria pegar o congestionamento das 18h na volta. Ao chegar à parada, ainda ofegante, o ônibus desponta na esquina. Marta ocupa um assento próximo à janela, como de costume, mas diferente das outras vezes a viagem ao centro passa despercebida: só o que vê

é a imagem daquelas mãos... Sem perceber, percorre o trajeto que costuma fazer a pé até o prédio da patroa e, quando dá por si, já está dentro do apartamento. Sem poder fazer outra coisa, Marta senta-se confortavelmente no sofá, fecha os olhos e entrega-se completamente e sem pressa àquelas mãos. O instante e os sentidos se confundem e se perdem. Marta adormece e sonha: ela está grávida e se olha num espelho, mas o reflexo devolve-lhe apenas um vulto. Estava próximo o momento de parir, mas o vulto se mostra esbelto, sem sinais visíveis de gestação. O corpo dói e Marta desperta. Confusa, olha para o relógio na parede da sala e paralisa. São 18h. “Já era para estar em casa! A essa hora as crianças já voltaram da escola e ele está prestes a chegar também!”

Quer levantar, mas seu corpo, ainda dormente, não responde. Fecha os olhos em busca si, mas percebe sua mente vazia, como que se espreguiçando ainda do inconveniente sono vespertino. Passado um instante, Marta finalmente põe-se de pé. Tentando controlar a sensação de deslocamento, percebe duas bolsas cochilando desajeitadas nos braços da poltrona à sua frente: tudo parece no lugar. No quarto, um vestido estampado com flores amontoa-se em cima de uma cômoda. Ela não resiste: toma o vestido e finge que o veste, mas logo o espelho acusa que a barra está desfeita: provavelmente não recebeu bom acabamento. “Essas lojas... Vendem um monte de porcarias a preço de alta costura...” Devolve o vestido à cômoda: tudo parece no lugar. Na lavanderia, o cesto de roupas sujas transborda e as meias e calcinhas parecem tramar uma orgia. Na cozinha, as louças sujas encaixam-se umas nas outras como peças de lego: tudo parece no lugar. Tomada outra vez por aquela sensação de deslocamento, dá as costas à cozinha e

caminha lentamente de volta à sala. Sem poder controlar o ímpeto de seu corpo, Marta pega a bolsa calmamente, vai até a porta do apartamento, gira a chave na fechadura e sai.

## Normalista nada normal (in tempos de colégio)

Márcia Chagas

Ouvimos o sinal. Hora do intervalo. Fátima e eu, lanche à mão, sentamos num dos degraus da escadaria do segundo andar, nos fundos do colégio. A gente se identificava. Éramos miúdas, raquíticas, osso puro, adolescência por desabrochar. Ambas alisávamos os cabelos. Papos ingênuos e puristas de mocinhas naquele imenso colégio.

— Conhece o labirinto? — Fátima me perguntou.

— Ouvi falar.

— Qualquer hora vou te mostrar.

— Tem problema?

— Nenhuma aluna tem autorização. Mas conheço um caminho.

— Vamos amanhã no recreio?

— Não pode demorar, porque o labirinto é imenso. O tempo de intervalo é pouco. A gente vai comendo o lanche no caminho.

— Está bem!

Enquanto mastigávamos, observamos que a sala próxima à escadaria tinha curso externo ao colégio. O intervalo deles pareceu com o nosso. Nos entreolhamos, eles também curiosos, o distanciamento era obrigatório no colégio somente para mulheres.

— Estranho ter homem no colégio!

— É mesmo.

— Olha o sinal, vamos pra sala — a gente levantou. — Combinado amanhã — disse Fátima, com o jeito infantil de dezessete anos. Peguei no bracinho dela e saímos aos risinhos,

com nossas saias dobradas na cintura muitas vezes para ficar curta, olhando de esguelha os rapazes do curso e confirmando a aventura.

Dia seguinte. Saímos ao toque do intervalo. Descemos as escadarias. Enquanto eu comia maçã, Fátima abriu com o dedo um buraquinho na tampa do iogurte e sugava direto na boca. No final, retirou a tampinha, fez dela uma pá e limpou o potinho.

— Já escutou a história do labirinto? — Fátima falou com voz estranha. — Dizem, tem fantasmas!

— Você acredita?

— Sei lá!

— Que que o povo fala?

— Vamos andando rápido e vou te contando — Fátima me puxou pelo braço. — Dizem que uma aluna ficou presa no colégio depois da aula, não conseguiu achar a saída e acabou no labirinto. Entrava, saía, e acabava no mesmo lugar. De tanto desespero, ficou louca, acabou morta e volta para assombrar gente. Todo mundo tem medo de vir aqui embaixo.

— Ai, Fátima! É melhor a gente desistir.

— Deixa de ser medrosa! Fantasma não existe. — Aquele tisco de gente dando de heroína e me puxando. — Você tem medo de fantasma? — E ria.

Eu tinha medo de tudo. Medo de fantasma, lobisomem, mula sem cabeça, saci-pererê, de homem, de Deus, do diabo e até da minha sombra. Minha mãe me levava para benzer, quebrar cobreiro, tirar mau olhado, acabar com bronquite, cortar unhas em cruz na Semana Santa, fazer jejum, ir à missa todo domingo. Minha credice fazia com que o escuro me apavorasse. Podia até subir parede. De pavor. Mas fui com a corajosa amiga de minhas primeiras confidências.

Fátima me levou até o final do corredor dos fundos. Descemos a escadaria por três andares até o subsolo. Começou explicando como fazia para entrar. Eu nunca imaginei que existia aquele caminho. Entra vão, sai vão, a gente pensa que está saindo, mas está no mesmo lugar. Perdida, apertei demais o braço de Fátima, que medo de escuridão! Ela caçoando de mim — deixa de ser boba.

Nunca vi tanta porta. Fátima entrava em becos e verificava se tinha porta aberta. Me senti Alice no País das Maravilhas ao contrário, pensando em Drácula, em morcego, sugando o pescoço da gente. E a gente virando ser bizarro. Sons fantasmagóricos da alma agonizando, vozes gritando socorro. A luz rareava, somente através das frestas — embaçada — e dificultava a visão do ambiente seguinte, completamente às escuras. Fiquei que nem barata tonta e percebi que o tempo avançava em horas.

Finalmente ela me deu um cutucão, que respondi com um grito e um abraço de medo.

— Calma — disse Fátima — a saída é logo ali — apontou com o dedo.

— Deve ser tarde, hora da gente ir embora — eu sentia a bronquite voltando, com dificuldade de coordenar a respiração.

— Hora de acabar o intervalo — falou Fátima, olhando o minúsculo relógio, onde mal se viam ponteiros. Só quinze minutos se passaram.

Fátima foi direto para a sala. Eu, ao banheiro. Peguei a maçaneta e abri a enorme porta de madeira que ia até o teto, entrei no antigo banheiro em mármore com várias cabines dos dois lados. O ar difícil de ser inalado. Alunas fumavam escondido e trancavam as janelas para que a disciplinária não encontrasse vestígios. Molhei o rosto, usei rápido a privada e saí apressada.

Até chegar à sala, andei vinte passos. A ala deserta e nenhuma aluna fora da sala. Tão pavoroso o imenso colégio. Eu, tão pequenininha. Respirei fundo antes de entrar na aula de Matemática, professora brava, odiava aluna entrar fora de horário. Pedi licença e sentei.

Na semana seguinte, fui lanchar com outra colega. Edna era contida. Cabelo preto comprido até a cintura, fino, ralo e muito arrumadinho. Uniforme impecável, tênis muito limpos, meias brancas até o joelho. Me intrigava o jeito dela andar, eu lembrava do Pato Donald. Edna tinha o costume de lanchar com outra aluna de nome idêntico ao de Fátima. Nesse dia, ela estava ausente. Essa xará de Fátima era extrovertida, solta, gesticulava parecendo dançar enquanto falava, o uniforme e o calçado sempre em desmazelo. Tentei parear encontros com ela, a amizade não vingou.

Edna estava de flerte com um dos rapazes do curso externo. Convidei-os a conhecer o labirinto. Considerei de bom tom dar uma desculpa e deixá-los sozinhos. Prometi que somente iria ao banheiro e retornaria, mas fui à lanchonete e esqueci das horas. Quando retornei para a sala de aula, a disciplinária e Edna me aguardavam.

— Como você pôde? Prometeu que voltaria. Não me dirija a palavra nunca mais. Você é amiga da onça!

Fiquei de queixo caído, sem entender o que tinha acontecido até a disciplinária me perguntar se eu estava junto com Edna. Acedi com a cabeça. Ela informou que a mãe da Edna seria convocada e que, tanto ela, quanto eu, teríamos os nomes colocados no Livro Negro. Todas alunas tinham pavor do nome ir para o tal livro.



Amizade quebrada. Tentei me desculpar, nem isso Edna aceitou. Ainda achei que saí no lucro. Minha mãe não foi convocada e ninguém lá de casa soube do livro.

Semestre findando.

Num de nossos encontros, Fátima disse:

— Vou aproveitar as férias de julho e fazer uma operação.

— De quê?

— Tenho sopro no coração desde que nasci. O médico esperava eu ter mais idade.

— Vai dar tudo certo. A gente se encontra depois das férias.

Uma semana depois da volta às aulas, a disciplinária entrou na sala e informou que Fátima tinha falecido. O colégio contratou um ônibus para levar as colegas e as professoras ao velório. Me reconheceram como a melhor amiga de Fátima. Eu não conseguia dizer nada.

Entrei virgem para o colégio. No período colegial, deixei de ser.

Festa na vizinhança. Anos setenta, eu dançava com o rapagão interessante, ao som da música do Creedence, *Have you ever seen the rain?*, ele era alto, pálido, cabelo cortado como exigia o exército. Como eu era baixinha usava sandália do tipo Carmen Miranda, o que me acrescentava oito a dez centímetros, usava minissaia em xadrez preto e branco, blusa ajustada ao corpo, o cabelo castanho alisado à bobes. No auge dos dezoito.

A festa acabou e ele me acompanhou em casa. Minha timidez não permitia avanço na conversa. Frases rasas e compromisso de encontro no colégio na semana seguinte. Na despedida rolou beijo.

Entrei em casa esbaforida. Que tipo de beijo era aquele? Os namoricos que tivera não me beijaram assim. Peguei a escova de dente, lavei bastante a boca, bochechei várias vezes. Fui dormir com a sensação de que beijar daquele tipo não era interessante, o que me desanimou para o próximo encontro.

Eu era ingênua e, como toda garota, tinha ar romântico. Idealizava um homem que fosse capaz de me ler nas entrelinhas, numa leitura que soletrasse os desejos mais profundos, me certificasse não existir pecado no sexo a dois e tivesse a sensibilidade de entender o meu lento desabrochar. Enfim, um homem diferente de meu pai. Não via meu pai ser carinhoso com minha mãe. Com os filhos era tão carinhoso. Por que a mulher merecia tratamento diferenciado?

Eu vivia a época em que as mulheres questionavam valores arcaicos e modelos machistas, buscavam a liberdade.

Durante a semana, o namorado se encontrava comigo no final das aulas e íamos a pé pela Afonso Pena até o ponto do ônibus, onde a gente se despedia.

Após um mês de namoro, perguntei:

— Percebeu que eu não sabia beijar?

— Percebi.

— Quer dizer que beijar de língua é o comum?

— É.

Quando o namoro avançava seis meses, no auge da paixão, ele passou a exigir maior dedicação.

— Gostaria que largasse essas colegas. Você tem a mim. Não precisa de mais ninguém.

Eu apenas escutei.

— Quando a gente se casar não quero que trabalhe, nem estude. Quero chegar em casa e encontrar minha mulherzinha esperando, jantar pronto — continuou ele.

Contei para as amigas do colégio.

— Cuidado, ele quer te prender entre quatro paredes e te deixar solitária! Quer mandar em você! Quer que faça tudo que ele queira!

Um dia me buscou no trabalho e caminhamos até o colégio. Ele me perguntou:

— Que acha de virgindade?

— Acho a maior besteira. Hoje em dia, mulheres são livres — tinha mania de mostrar que era moderna. Acontece que tocar nesse assunto fez com que ele convivesse com a dúvida: seria virgem? Mesmo eu confirmando que era, passou a ser desconfiado, ciumento e sentiu-se atacado no senso machista que o dominava. A partir de então, a relação ganhou ares de posse.

Fazia um ano de namoro quando decidi por fim àquela situação. Numa noite, no caminho do trabalho até o colégio, terminei a relação. Entrei para a sala de aula aliviada com a decisão, mas, no decorrer da aula, a disciplinária entrou chamando meu nome. Levantei o dedo e saí.

— Tem uma pessoa lá fora e pediu para falar com você, disse que é grave.

Era o pai do meu namorado, disse que ele chegou nervoso em casa e cortou o pulso ao quebrar uma porta de vidro. Acompanhei a sutura das veias. Debaixo da maca vi um balde com muito sangue. Ele pediu para a gente reatar. Concordei.

Mas a posse tomou conta de vez de seus atos. Um dia, descontrolado, ele chegou lá em casa falando confuso e dizendo-se perseguido. Eu, minha família e o vizinho do lado ouvíamos a gritaria enquanto ele corria em volta da casa. O vizinho, observando que estávamos assustadas, gritou que chamou a polícia. Ele fugiu. Não aceitei mais chantagem. Terminei. Mas não foi conversa fácil:

— Vou contar tudo que houve entre a gente para o pessoal da rua — disse ele, irônico.

— Conta mesmo, todo mundo vai saber que você não foi homem capaz de me dar prazer — falei, atrevida.

Esse relacionamento fez com que eu perdesse a visão purista sobre o relacionamento entre homem e mulher. Deixei de ser virgem!

Eu me juntava à turma que sentava no muro na hora do recreio.

A gente observava a cidade. Alunas chegavam atrasadas, algumas matavam aula. Na noite escura do quarteirão, pessoas passavam absortas na correria cotidiana.

Um desses dias, empoleiradas no muro, ouvimos:

— Có có có ...

— Oh! Galinhas... toma milho, aqui oh!

Perguntei à colega:

— Por que os rapazes passam e gritam?

— O colégio tem fama.

— De quê?

— Dizem que as moças fazem programas.

Nesse meio tempo, eu tive Hepatite. Minha mãe incumbira Nilva, amiga e vizinha, de me dar suporte na semana de provas finais. Eu realizava as provas e voltava para o repouso, não devia me esforçar demasiadamente.

Ao final de uma prova, Nilva foi chamar o táxi, enquanto eu aguardava no hall. O final de ano se aproximava e passava das onze da noite.

Nilva retornou e disse não ter conseguido táxi. Descemos a escadaria e aguardamos na calçada.

Minha amiga Nilva, pra frentex, teve uma ideia:

— Vamos pedir carona ao primeiro carro que passar.

— Acha que vai parar?

— É só fazer sinal.

— Isso é perigoso.

— Nada. Olha!

Dedo polegar apontando para a frente e restante fechado em punho. Parou um veículo escuro. O motorista abriu a porta e mal se percebia sua silhueta. Levantou o banco dianteiro. Nilva, ligeira, entrou e sentou no banco de trás. Eu acompanhei e sentei ao seu lado.

O sujeito olhou o retrovisor:

— Estão me achando com cara de motorista de táxi? Uma de vocês, aqui para a frente — deu palmadinhas no assento.

— Vai! — disse Nilva, me empurrando.

Ao sair do carro, eu disse:

— Vem Nilva! — Ela saiu apressada. Segurei firme no seu braço.

— Vão decidir? Não tenho a noite toda, disse o moço.

— A gente não vai — falei, enérgica.

O cara bateu a porta, saiu cantando pneu e gritando desaforos.

Aguardamos o táxi. Coração assustado e nada de comentários.

Primeiro deixei Nilva em casa. No caminho relembrava a maluquice.

As estudantes, em sua maioria, trabalhavam o dia inteiro e à noite estudavam. As moças, de família burguesa ou rica, juntavam-se a nós, do proletariado. O colégio era um antro. Antro de mulheres em processo de mudança, rejeitando crenças arcaicas, transgredindo regras obsoletas da ditadura que teimava.

— Vamos numa boate? — me perguntou Marta.

— Boate?

— Lugar com música para dançar.

— Que horas?

— A gente está pensando em sair no intervalo. É cedo, mas assim encontramos mesa e cadeiras disponíveis. Lá é interessante mais tarde.

— Vou, mas tenho que chegar em casa no mesmo horário de sempre.

— O ambiente é bem legal. Vai gostar.

— E o uniforme?

— Tem muita menina do colégio por lá.

Caminhamos. Eu buscando detalhes. Atravessamos a Afonso Pena, passamos em frente ao Cine Nazaré e, dois quarteirões depois, chegamos à João Pinheiro. Subimos. Lá estava o *LARGO DO BAETA*.

Fui barrada.

— Menor não entra.

— Tenho dezoito, moço! — Apresentei a identidade. Foi a glória!

O local: quem o olha de fora vê uma muralha. Após a entrada, é um grande galpão de chão rústico acimentado. Escuridão onde mal se veem as pessoas. Mais homens que mulheres.

Cautelosa, eu seguia Marta, ambientada e desenvolta. Pedimos água e refrigerante, que a gente podia pagar.

Nunca imaginei que terminar o namoro me levaria à liberdade! A turma interessante era: Zezé, Maurício com a irmã, Teresa, Cinha, além da Marta.

A noite no *LARGO DO BAETA* trazia o gingado do samba na linguagem diferenciada de Agepê:

*“Moro onde não mora ninguém,  
onde não passa ninguém  
onde não vive ninguém  
é lá onde moro  
...  
... que me sinto bem...”*

Fui me soltando. Era bom dançar em grupo. Esqueci das horas. Marta e os outros tinham permissão de ficar até quando quisessem. Quando olhei o relógio, passava das onze. Me despedi com pressa e desenrolei a saia. Último ônibus, meia-noite. Minha mãe vai ficar uma fera — era a primeira vez que eu matava aula e atravessava a cidade sozinha, à noite. Demorei bons quinze minutos, a passos rápidos, até o ponto de ônibus. A noite me pareceu muito perigosa, via fantasmas pintados em tons ameaçadores.

No ônibus, o motorista, o trocador e eu. Desci ainda longe da minha rua. Subi os três quarteirões com taquicardia.

Entrei, pé ante pé. Minha mãe dormia. Pensei: ainda bem que meu pai não chegou de viagem. Quando levantei o olhar, a criatura gigantesca vinha na minha direção, com o cinturão na mão pronto a me dar uma sova. Meu olhar arregalado. Segurei para não gritar e o brilho das luzes da sala se esvaíram de meus olhos.

Bateu o sinal. Saímos para a aula de Música. Eu fazia o trajeto toda semana e me empolgava observando como íamos

àquela obrigação sagrada, em fila nada rígida, ao contrário da primeira vez:

— Sou a coordenadora, bem-vindas ao colégio. Vocês receberam as regras da escola e nosso padrão é exigente. Muitas moças querem estudar aqui, aproveitem a oportunidade porque, qualquer deslize, expulsão. Além da grade escolar, temos atividades manuais e artísticas. As que têm interesses manuais, assinem a lista. A Educação Artística é obrigatória. O grupo será dividido, os demais têm Educação Física. Grupo de 1 a 20, me siga, em fila, em silêncio.

A gente, desconhecendo colegas e colégio, seguiu a mulher. Apesar de atenta às instruções, atravessei o largo corredor observando ao redor. Grandes portas pesadas e fechadas isolando as salas de aula. Corredor granitado em rico mosaico. Largo rodapé em granito rosa carrara às paredes. Janelas quadradas e, acima delas, recortes em alto-relevo belíssimos.

A sala, na ala seguinte, parecia comum. Mas, ao entrar, havia um pequeno anfiteatro, com uma fileira de cadeiras mais elevada que a anterior. Móveis sóbrios em madeira escura, a mesa da professora e um grande piano de cauda antigo.

— Dó ré mi... Dó si lá sol... — A professora definia a voz e tocava a nota musical.

Na minha vez de solfejar:

— Dóooooooooooooo réeeeeeeeeeeeeeeeeee miiiiiiiiiii...  
Minha voz trovejou no agudo e, na dúvida, virei soprano médio. Custei a melhorar o ritmo. Mas entrar ali me transformava. A leveza se instalava, maravilhada com as canções e hinos.

Meses se passaram e, enturmadas, íamos alegres em grupo de três ou mais.

— Treinou?

— Decorei tudo!



— Puxa vida, não consegui.

— Se prepare para puxão de orelha e castigo.

— Meninas, treinaram o Hino da Bandeira? — perguntou a professora. — Vinte e um de abril se aproxima e quero o hino na ponta da língua — dividiu o grupo nas vozes correspondentes, definindo a harmonia entre canção e coro.

*“Salve lindo pendão da esperança!*

*Salve símbolo augusto da paz!*

*Tua nobre presença à lembrança*

*A grandeza da Pátria nos traz.*

*Recebe o afeto que se encerra*

*em nosso peito juvenil,*

*Querido símbolo da terra,*

*Da amada terra do Brasil!”*

A festa da Inconfidência chegou. Pátio lotado. Alunas, de uniforme, vestidas impecavelmente, em fila por classe. Mão no coração. Som do piano e toda escola tomada de ordem e progresso, cantando a pátria imaginada na poesia de Olavo Bilac.

Senti os olhos transbordarem azul, enxerguei a exuberância das florestas no toque das notas, o sol ardia luminoso no Belo Horizonte da terra Brasil.

Eram tempos difíceis, de boca travada e verdades inventadas. A música alcançou almas sonâmbulas sedentas de esperança.

A gente conversava animada no intervalo entre uma aula e outra. Professor Ênio, gíngando o corpo, passava rente às carteiras, sorria entre alegre e malicioso, com o canto dos lábios. Nunca consegui decorar o segundo nome de tão complicado. Não

interrompeu nosso papo, simplesmente reclinou o corpo na mesa e declamou:

*“Vem comigo cismar risonho e grave...  
A poesia — é uma luz... e a alma — uma ave...  
Querem — trevas e ar.  
A andorinha, que é a alma — pede o campo,  
P’ra voar... p’ra brilhar.  
A poesia quer sombra — é o pirilampo...  
...  
Vem! Do mundo leremos o problema  
Nas folhas da floresta, ou do poema,  
Nas trevas ou na luz...  
Não vêes?... Do céu a cúpula azulada,  
Como uma taça sobre nós voltada,  
Lança poesia a flux!...”*

Classe paralisada. Castro Alves vibrante em poesia, em entonação, nas metáforas, nas aclamações, nas apóstrofes, nas hipérboles, com missão de falar à multidão, que éramos nós.

Professor Ênio surpreendia a cada aula. Eu não conseguia entender como ele era capaz de declamar sem ler. Embasbacada, eu admirava. Que importava se o poema era decassílabo, ou romântico, modernista, parnasianista ou barroco. Importava a emoção impregnada naquele harém de mulheres. Lugar sagrado do poeta cantando o amor? Depois, deixava cair o véu e passava à análise.

Aqueles olhos verdes, pele bronzeada, esguio, refinado, colocava em transe o grupo de alunas. Muitas acometidas de amor platônico, apaixonadas pelo “quê” do Professor Ênio, e ele sabia disso. Tinha capacidade de nos fazer voar na Literatura.

Não se incomodava com o padrão didático adotado pelo colégio, extrapolava, deixava fluir a veia criativa.

Escolhida mesmo pelo coração do Professor Ênio era sua *Vemaguet* esverdeada, lustrosa e esbelta, à espera no estacionamento.

Eu queria voar!

As aventuras no *LARGO DO BAETA* me levavam a conhecer outro modo de vida e o prazer extasiava a tal ponto que relaxei no cumprimento das regras lá de casa. Ônibus ou táxi para casa até a meia noite. Comecei a infringir cada vez mais, avançando no horário. Nem mesmo escutava o que minha mãe exigia. Foram meses de total liberdade quanto ao horário de chegada.

Ficava na balada. Depois saía pela noite de Belô a pé. Ninguém da turma tinha carro. Descia até a Afonso Pena faminta depois de tanto dançar. Um dia, de madrugada, a gente parou no *Giovanni* para a melhor macarronada à bolonhesa que comi na vida, depois entramos e saímos de bares, restaurantes, despreocupados, até chegar ao Automóvel Clube.

A noite de gala do Automóvel era de assustar. Três imensos lustres em cristal iluminavam o salão, tanta exuberância, tanta roupa riquíssima, tanto garçom, tanta mulher e tanto figurão ilustre brindando com taças, provavelmente, do melhor champanhe. A música festiva e a conversa escandalosa. Vozes se calaram e olhares se voltaram ao ruído da turma. Nosso grupo, de sete pessoas, com bebida subindo à cabeça, se atreveu a entrar. O porteiro, bem vestido e muito educado, não impediu. O que impediu foram nossos trajés cotidianos e a transgressão não passou de simples curiosidade. Continuamos a saga pela avenida e, durante algum tempo, perdemos o medo e nos acostumamos à

tribo noturna. Complicado era quando chegava a hora da despedida. Cada um buscava seu caminho e via o medo abordar.

Minha mãe não conseguiu modificar meus propósitos. Resolveu contar ao meu pai.

— Se você quiser continuar nesta casa, terá que seguir regras. Se não, pegue sua trousse e portão para fora — disse meu pai.

Essa foi a oportunidade que vi de tudo ser diferente. A semana passou custosa e eu tencionava sair de casa para viver do meu jeito. Comentei com uma amiga que morava sozinha. Visitei o apartamento no Barro Preto, de dois quartos, amplo e confortável.

— O que terei de pagar? — perguntei.

— Vamos dividir o aluguel, além disso, tem água, luz, material de limpeza e higiene e alimentação... — Ao final do relato, descobri o quanto custava a independência. O valor ficou além do meu salário. Eu mal e mal sabia o preço das coisas, nem de sabonete, minha mãe incumbida das compras.

Fiquei famosa nesse tempo das baladas. Minhas irmãs cantavam para mim:

— *Ovelha negra da família...* — Rita Lee estava em ascendência. E eu, com muita raiva delas.

Continuei morando com meus pais, depois de analisar contas e mais contas. Concluí que não tinha cacife.

— Vamos para o recreio, não ouviu o sinal?

— Espera! A moça do pastel vem aí — disse eu a Fátima.

— Quero seis — ela repassou o pacote com os pasteizinhos que fui comendo devagar pelo corredor. — Está delicioso, Fátima! Quer? — Fátima balançou a cabeça que não.

O sinal deu movimento ao corredor que sempre me parecia deserto e frio nas estampas dos mármores do piso e parede. Movimento durante quinze minutos. Depois, nova batida para reinício das aulas.

Professor Ênio aguardava as garotas encontrarem seus lugares. Os olhos verdes buscando a porta, indo até as cadeiras, retornando à porta, até que a última aluna entrou e o segundo sinal definiu o início. Finalizou com seu risinho característico.

Escreveu no quadro em letras bem grandes misturadas a letras miúdas, a palavra:

# A<sub>N</sub>T<sub>R</sub>O<sub>P</sub>O F<sub>A</sub>G<sub>I</sub>A

— Vamos nos alimentar de cada letra. Como carne humana. Mastigar ritualisticamente, deglutindo vagorosamente e assimilando a potência do Movimento de 1922. É hora de romper amarras do academicismo.

Enquanto o professor dava sequência à aula, eu sentia o estômago começando a embrulhar.

— Bem turma, eis aí os sintomas que vão marcando o modernismo em diversas áreas, mas nosso foco é literatura. E para isso iniciamos na Paris de 1920. Paris, centro cultural nessa época pós-guerra e exílio de escritores que se tornarão clássicos em nosso século: Joyce, Hemingway, Pound, Eliot, Fitzgerald... Esse grupo foi denominado Geração Perdida por uma das críticas e patrocinadoras dos artistas, Gertrude Stein. Ela reunia os artistas em sua casa e nos encontros, as manifestações criativas, artísticas e literárias encontravam eco.

Sintoma estava sentindo eu, o estômago embrulhando cada vez mais.

— Inclusive, o termo Geração Perdida tornou-se popular a partir do romance de Ernest Hemingway... — continuava o professor — O sol também se levanta.

Eu começando a tremer em compasso com a inicial dor de barriga.

— Retornando à nossa terrinha... Oswald de Andrade tinha vindo de sua estadia em Paris e trouxe para nosso mundo tupiniquim as novidades dos salões, as inovações de estilo literário, a quebra do paradigma formal, o atrevimento no uso do idioma em composições e junções de palavras dando nova estética às criações literárias. O grupo que participava do Movimento de 1922 ansiava por inovações, o Brasil buscava voz.

Eu permanecia atenta, tanto que me recordo bem o conteúdo da aula. Mas, de repente, suei frio, ainda bem que estava próxima à porta, saí correndo e sujando o chão até chegar ao banheiro, onde nova golfada veio sem dó. Fiquei com pena da senhora responsável pela limpeza.

Minha mãe e eu fomos ao médico no outro dia. Ao falar o que tinha acontecido, eu disse a ele que a culpa era dos pastéis e da *Coca-Cola*.

Me recordei de dias atrás:

— Fátima, olha como está igual *Coca-Cola*.

— Credo! Será por quê? — Fátima olhando o vaso sanitário do cubículo que eu acabara de sair.

O médico não entendeu e pediu que eu explicasse o que tinha acontecido em detalhes.

— A partir de hoje, repouso completo. Você está com Hepatite A, está de licença médica e não pode frequentar as aulas — concluiu o doutor.

A vida se resumiu ao quadrado do quarto. Por todo ano repousei em berço esplêndido com a pele amarelecida. Nada de sal e óleo. Frutas eram permitidas. Nunca imaginei que detestaria tanto ficar deitada. Dei razão ao ditado “*cama boa é com saúde*”.

— Olha a foto de como deve estar seu fígado — Fátima me disse, sentada na cama ao lado da minha, mostrando o que ocorria com o fígado durante a doença. — Trouxe também os trabalhos para você fazer em casa. Toda semana trarei novos e levarei os que estiverem prontos. Os professores foram camaradas.

— Logo esse ano, Fátima, não posso tomar bomba, senão perco a vaga.

— Não se preocupe. Vou te ajudar. Olha este exercício, Professor Ênio pediu relatório sobre o Movimento de 1922. Além disso, leitura com resumo e reflexão do livro do Oswald, *Memórias sentimentais de João Miramar*.

Fátima não demorava por lá. Meu fígado, antropofagicamente, tinha caráter infectocontagioso.

A casa era de cimento batido e telhado sem forro. Dois quartos simples: o quarto dos pais e o outro, com duas bicamas e um guarda-roupa, das quatro filhas. O filho dormia num cubículo próximo à cozinha. Quando chovia, o telhado não aguentava o aguaceiro e chuvejava lá dentro. Eu gostava de admirar os respingos caindo do telhado do meu quarto, daquele cheiro bom de terra molhada e da água fria molhando meu corpo. Depois tratava de buscar um balde para as goteiras maiores. Eu tinha a sorte de dormir na cama de baixo na temporada das águas.

Meu pai não presenciava a nossa condição, viajava pelas Minas Gerais, na vida de trabalhador que dá o suor para comprar o pão, como motorista. Estudou apenas o primário, mas sustentava uma boa conversa com pessoa de qualquer nível, sem se intimidar. Ele contava ter fama de reivindicador pelo grupo de amigos do trabalho. E me dizia: não tolero desrespeito, se eu estiver com a razão. Não dou chance para reclamação, cumpro meus deveres com responsabilidade de quem saiu de casa aos dezessete anos, se embrenhou até a cidade em busca de melhores condições e sem tostão no bolso.

O defeito de meu pai era ser machista, coisa que eu não tolero. Lembro uma vez, eu limpava a casa. Ao terminar, coloquei um pano para a limpeza dos pés. Meu pai chegou da rua exatamente neste momento e ainda me viu agachada colocando o pano. Ele pulou o pano e entrou com o sapato sujo de barro para dentro de casa, deixando as marcas do calçado pelo caminho. Fiquei muito irritada, eu não podia dizer nada e ainda tinha que estudar para uma prova. Refiz a limpeza.

Uma vez ouvi o comentário de meu pai com um vizinho:

— Mulher a gente trata com pulso firme. Não dou moleza — até o dia em que ganhou uma boa *frigideirada* na cabeça por ameaçar minha mãe. A frigideira amassada ficou guardada e minha mãe expunha para as visitas quando contava o acontecido.

Minha mãe dizia: homem, se você deixa ele te encostar a mão uma vez, já era — tinhosa de esperta. Saiu de casa aos treze anos, após a morte da mãe. Largou o Goiás velho e foi morar com uma tia que a explorava como empregada, a troco de cama e comida. Quando teve chance, saiu à procura do próprio caminho. Ela trabalhava na limpeza de um colégio, o dinheiro usava para comprar nosso material escolar e roupas para o natal, com prestações a perder de vista. Enquanto eu não trabalhava,



cuidava da casa e dos irmãos. À noite, ia para a escola. Até que me informei sobre um curso profissionalizante no *SENAC*. Aos dezoito, comecei a trabalhar como recepcionista. Tinha o próprio dinheiro, mas com a obrigação de pagar alguma conta da casa.

Acho que não trabalhava ainda quando minha irmã foi estudar lá no colégio. Íamos juntas para a aula seguindo a Afonso Pena, nos fins de tarde. Num dia, nós duas tão distraídas, dois marmanjos nos passaram a mão. Que ódio fiquei, mas continuei caminhando. Minha irmã ficou tão assustada, chorou ao perder a inocência.

— Tantas experiências — penso comigo mesma, deitada na cama de baixo. — O tempo de colégio está se encerrando. Desastrosamente ou não, aprendi a crescer. Me tornar adulta não está sendo fácil. Poucas afirmações e muitas, muitas dúvidas. Olho agora não mais por lentes da imaginação, da fantasia, que inundou o tempo adolescente. Afinal, cheguei aos vinte. O que me aconteceu? Serviu?

— Os primeiros relacionamentos me tomaram a ingenuidade. Descobri emoções e sensações próprias desse novo tempo. Emoções que me abarcaram intensamente. Às vezes, no exagero do oito ou oitenta. Sinto saudade da pureza. O tempo adulto inicia me exigindo tantas transformações. Estou preparada?

— Penso nas marcas deixadas por envolvimento amorosos e de como me tornei paranoica com ameaças do ex-namorado, imaginando a vizinhança conhecedora de meus segredos. Tempos difíceis. Olhares que via direcionados a mim. Passei de moça leve e solta a uma mulher com máscara pesada. Por que tenho que dar satisfação aos outros?

— Continuo a pensar. Penso, penso muito. Na minha mãe, que é pai e mãe. No meu pai, no seu trabalho de viajante. Pai com açúcar, mas podia se transformar quando fazíamos arte. Penso em cada um dos filhos buscando descobrir a vida. Minha mãe, solitária.

— O que será que imagina? No que pensa minha mãe? “Meus filhos começam a voar, não posso evitar. Mesmo quando estão em casa, estão longe, no mundo deles. Tenho a sensação de não ter filhos”.

— Ser mãe não deve ser fácil. Difícil para mim, neste momento, imaginar. Quando eu for mãe, sentirei solidão? Vejo minha mãe caminhando para a velhice e sozinha. Remexo na cama e leio Kalil Gibran, n’*O Profeta*:

“*Como ir em paz e sem sofrimento?*”

Longe, escuto *Rua Ramalhete*, a música do Tavito, e meu espírito voa.

## Se mate, Carlos

Camila Hickenbick

Era uma quarta-feira cinzenta, e ele observava essa paisagem desanimadora do segundo piso de sua casa. Não entendia como, no mundo, podia haver alguém que gostasse daquele tipo de clima. Cinza nem parecia uma cor. Nos primeiros anos de sua adolescência, passara uma temporada de férias em Nova Iorque, trabalhando como garçom. Não aguentou. O salário ruim, os maus-tratos, o apartamento minúsculo e o aluguel desproporcional ele podia aguentar. Mas aquele tempo cinza que só perdia lugar pro negro da noite, ah, não. Aquilo jamais.

Enfim, era uma quarta-feira cinzenta e nublada quando Carlos decidiu dar cabo de seus problemas. Tudo começou ao ler um poema de Drummond. “Não se mate, Carlos”, começava o poema. Carlos, que nunca gostou de receber ordens e que, pra falar a verdade, havia se sentido um pouco deprimido desde a separação, decidiu que era isso: aí estava a solução de todos os seus problemas.

Estava tudo arranjado: ligou para o trabalho avisando que estava doente e, duas horas depois, os remédios já estavam comprados. Sempre fora muito eficiente no que fazia e, na reta final, não seria diferente.

Foi na hora de redigir sua carta de despedida que se pegou pensando: o que dizer? Para quem dizer? Sempre tendeu para o dramático, e o adeus final não poderia ser diferente. Gostava da ideia de ter a última palavra por toda a eternidade. Lembrou-se da vez em que brigou com o marido e disse que não voltaria a lhe dirigir a palavra até que pedisse desculpas a ele. Nunca pediu. A divisão de bens foi muito desconfortável para os advogados, onde

o futuro-ex-marido tentava falar inutilmente com ele, sem obter, jamais, uma resposta. É, ele estava fora de questão. Imagine que recebesse a carta e se desse por vitorioso! Jamais!

Quem, então, seria digno de ler seus pensamentos finais?

Foi então que se lembrou de um elemento que tinha, até então, ignorado, cego pelo ressentimento: seu pequeno Oscar. A separação já foi difícil pra ele; passava apenas os finais de semana com Carlos, que sentia que ele estava se distanciando, ficando resignado, enquanto o ex-marido provavelmente envenenava sua cabecinha inocente com mentiras sobre ele. Se ele, de fato, desse um mergulho para a eternidade, quem tomaria conta de Oscar?

Preso em seus devaneios, concluiu que, na verdade, dar um fim em tudo seria muito trabalhoso e inútil e decidiu, então, que a vida não valia guardar essas recordações ruins e rancorosas. Mataria seu ex-marido. Ele, sim, merecia. Tinha certeza de que nem chegou a questionar pedir desculpas a ele.

Meu deus! No que ele estava pensando? Queria brincar de Deus e decidir quem vai ou fica? Deixou todas as ideias homicidas e suicidas de lado ao olhar para Oscar e lembrar-se de que na cadeia não são permitidos animais de estimação.

## Confissões dos corredores vazios

Ginga Vasconcelos

Deixem que eu me apresente. Meu nome é Califia e, além do nome, do local e data de nascimento, tenho a particularidade de ser transparente... Pois é... Tenho o nome de rainha africana, porque minha família queria que me orgulhasse das minhas origens, e também porque eles amaram conhecer a Califórnia, que tem esse nome em sua homenagem. Na noite do dia 28 para o dia 29 de fevereiro eu nasci e, por conta disso, meu aniversário muda ano após ano. Eu não nasci aqui, mas em Londres, porque meu pai era refugiado político na década de 70. E onde quer que eu ponha os pés, atraio curiosidade e alegria, e como uma espécie de pantera - ou chipanzé, a depender de quem me veja – exposto no zoológico, eu me sinto aprisionada de todas as maneiras possíveis. Minhas correntes brilham à luz do meu nome, da história dos meus pais, da cor da minha pele, e da história que me negaram sob o sol que nasce para todos, mas fustiga uns e abençoa outros. Certa vez confessei para uma amiga que me identificava com a propaganda de Portugal pelo fim da homofobia, que pregava “o direito à indiferença”...

Hoje eu já não sei se era bem isso o que eu queria.

Porque essa minha transparência nem sempre se manifesta, eu sou vista como portadora de algo contagioso; como nos parquinhos onde as mães sussurravam para suas crianças que não deviam se aproximar ou quando as pessoas insistem em falar de mim como se eu não estivesse ali: “Como será que ela faz para pentear esse cabelo? Deve ser difícil” – Ou ainda, como se eu estivesse ali sim, mas só para satisfazer as suas curiosidades, algo como: “Nossa, que legal, parece um bombril...posso tocar?”

Sempre quis saber como era um cabelo assim!”. Ou ainda, responder às perguntas mais estúpidas do mundo: “Mas você não é mesmo daqui, é?”.

Esta é, sem sombra de dúvidas, a pergunta mais fácil de se ouvir quando se é negro e se mora no sul do país. E se, por acaso, você também faz parte da classe média, é claro! Esta classe que adora fazer “uma média” de progressista e coerente, mas não enxerga nem os negros que moram na sua rua ou trabalham em suas próprias casas. Acha que são todos “importados” da “Ninguémlândia”, onde também residem os “indígenas” e os “mendigos crackeiros” de um modo geral, e agora também os imigrantes.

Mas não. Eu não sou daqui. Nem dali. Nem de parte alguma...você quer saber se eu tenho família, também?

Porque essa minha transparência se torna mais que evidente, por vezes, dizem que não posso usar minha cor para requisitar privilégios (não seria direitos?) mesmo que o que eu esteja pedindo seja apenas um pouco de consideração. E que não me roubem. Já explico...

Minha infância foi uma infância feliz, no final das contas. Tinha a rotina casa- escola - brincar na rua nos dias de sol, e brincar dentro de casa nos dias de chuva. Só, com minhas bonecas loiras. Minha avó teve muita dificuldade em tecer as conversas corretas, com as pessoas corretas com que eu deveria me relacionar. Mas no final das contas eu ficava bem mesmo era com as pessoas que “eu não devia”. Eu tenho na minha memória afetiva uma quantidade imensa de biscoitos e tortas, além dos muitos beijos de mãe, avó, tios e tias. Eu fiz amigos com dificuldade, mas os fiz em quantidade excepcional para as condições dadas, então, também está lá, nessa minha colcha de retalhos coloridos que é a memória, os encontros e “encontrões”

brutais de minhas brincadeiras de rua, onde eu adorava correr e testar minha própria coragem de todas as maneiras possíveis. Ser transparente também me deu a vantagem de não ser tão super-protegida quanto as outras garotas. Não me veem...não se importam com o que eu faço. Sim, é muito melhor ser transparente quando se quer roubar frutas na casa do vizinho. Apertar a campainha e sair correndo. Brincar de esconde-esconde é uma delícia. Ninguém quer te encontrar, na verdade, alguns têm até certo medo de você. E ser transparente é também saber ser silenciosa...e isso é uma grande vantagem quando se quer caçar pirilampos ou ouvir o que não se deve. Ser transparente me fez ouvir conversas inconvenientes e aprender muito mais sobre os adultos do que eles gostariam. Essa é a parte boa. A de ser a garota com mais machucados nas pernas de toda a rua, com os joelhos sempre esfolados e o cabelo sempre emaranhado.

Mas aqui, algo começou a ser subtraído de mim, lentamente drenado para satisfazer estranhas teses alheias. E quanto mais eu sentia que algo me escapava e ia engordar as falas, os trejeitos, os “causos” familiares e de estranhos, menos respostas pareciam vir dali. E foi crescendo dentro de mim um vazio.

Então eu consegui uma melhor amiga, quase tão “incorrigível” quanto eu só que muito mais hábil em brinquedos de horror e alegria. Era filha da empregada de nossa casa – minha avó gostava que a chamássemos de “secretaria do lar” e eu, que pensava nisso como um eufemismo tolo, passei a chamá-la de Dona Maria mesmo, o que me parecia mais honesto, que me ensinou entre outras coisas o segredo das rosas e a tomar cachaça com mel escondido na sua casa para atenuar os sintomas da gripe. Mas logo a contradição se interpôs. Minha avó via com “maus olhos” o relacionamento preferido, mas foi o pai dela quem

tentou proibir. Ela me contou. Me contou também que no final a mãe conseguiu argumentar: “A cor não pega...” Mas minha amiga ainda chorava e eu não conseguia consolar a tristeza dela que agora era, também, a minha tristeza. Trouxe até ela a lembrança de uma marchinha de carnaval “o teu cabelo não pega, mulata, porque és mulata na cor...” E como crianças que éramos, esquecemos tudo aquilo que para nós não fazia sentido, e fomos criar outros sentidos para nossa existência em nossas brincadeiras de crianças da serra. Nós, correndo pelas cordas do varal perseguindo as libélulas que por algum motivo considerávamos mais “raras” que as outras, as azuis e não as verdes, as vermelhas gigantes que não eram libélulas, mas sim cigarras mas ainda não tínhamos nos dado por conta. Não sabíamos que estávamos erigindo, momento a momento, um instante que seria para nós a eternidade. Algo de nós habitará ali, nos fundos da fábrica ou entre os lençóis estendidos para todo o sempre, correndo atrás das libélulas tendo por cenário de fundo um pôr-do-sol em chamas.

Por outro lado, com o tempo, fui aprendendo também a abdicar da transparência, ou melhor, a me sobressair e brilhar apesar dela. Por vezes, então eu pude sim brincar de lutinha e guerra de mamonas – sem que os “mais-velhos” vissem. E de polícia e ladrão. E correr atrás dos cavalos. E subir nas árvores para tentar montar neles...e cair com a bunda no chão, arriscando a levar um coice. Éramos as típicas meninas da serra, sem muita noção do destino que teciam para nós. Trabalhar em casas de outros. Em negócios e interesses de outros. Casar para pertencer a outras famílias. Não tínhamos nos dado conta do fato de sermos as crias emprestadas pelo tempo. E ali eu era muito feliz porque sabia que era muito mais do que “até a amiga negra” de alguém.



Ser transparente também tem lá suas inconveniências, e a principal delas é que na maior parte das vezes não é opcional. Desde cedo aprendi que muito dificilmente poderia contar com ajuda, caso me metesse em grande enrascada, como em certa vez que meu cachorro escapou da corrente e tentou atacar o cavalo amarrado no pasto do quintal de minha vizinha. Eu tentei puxar o cachorro de volta e minha vizinha, vendo a cena, me atacou com vassouradas. Ninguém deu bola e eu e meu cachorro tivemos que correr muito para despistá-la. Não me veem, não se sentem no dever de me proteger... Na verdade, isso acontece até hoje. E aos poucos eu fui me convencendo de que, de alguma forma, aquele jogo não tinha regras que eu pudesse aprender a jogar. Estava acima das minhas possibilidades.

Acho que foi quando não pude nem concorrer a princesa da primavera. Ou a bailarina destaque na apresentação de fim de ano, embora neste caso tenha me conformado, pois já havia sido no dia 20 de novembro, como digna única – e talvez última – representante “da cor” naquela escola. E sabia que não poderia ser a “atriz” protagonista da peça porque... bem, eu escreveria a peça... isso seria injusto, não?

E por outro lado, não poderia suspirar em paz pelo garoto mais bonito da escola, sem que me vissem com desdém ou deboche.

“Sem chance, garota!” – era o que pareciam pensar minhas amigas.

E um dia, quando passávamos em frente à banca de revistas, uniformizadas e felizes, ouvimos um senhor comentar: “As meninas hoje em dia são tão iguais que parece que falta só uma etiqueta de preço!” Foi quando me dei conta de uma coisa pouco modesta: a maioria delas não era realmente bonita. Ou feia. Era só...branca! E todas muito iguais às outras. Do outro

lado da esquina ele piscou para mim, em concordância. Mas eu ainda não o conhecia.

Mas eu fui a primeira a ser pedida em namoro.

A primeira nos concursos de redação.

E o roteiro da apresentação teatral de dia das mães, fui eu sozinha quem roteirizei. Um complicado, uma espécie de comédia em que o cenário era um circo em que ninguém sabia realmente atuar, e as confusões decorrentes disso. Incluía os 35 alunos da minha sala, cada um com mais ou menos dois minutos e meio de fala e interpretar a confusão foi exatamente isso. Uma confusão! Mesmo assim, aquele meu véu se tornou assim, um pouco mais pesado.

Algo da inocência de acreditar e me sentir capaz também havia se eclipsado entre olhares de malícia e condescendência.

Mas foi assim que eu criei meu próprio tabuleiro. Para cada impossibilidade, criava outra, às vezes inexistente até então. Em meus ouvidos, o eco de uma voz que me dizia: “Não serás nunca a mais bonita, então ao menos tenta ser a mais inteligente, a mais esperta, a mais capaz...” Foi uma tia que me disse uma vez, e eu nunca mais me esqueci.

E assim, colecionava elogios que não me bastavam nunca, porque como li certa vez nos quadrinhos de Gaiman “nem um oceano pode encher um balde que está furado”. E por saber que algumas chaves estariam sempre escondidas de mim, alguns doces, em prateleiras inalcançáveis, por mais valente que eu fosse aprendi a encobrir meu rosto com máscaras emprestadas de outros tempos.

“Você é corajosa como um menino”.

O melhor elogio que recebi, dos meus eternos companheiros de aventura na infância. Já colecionava também “inimigos”, e todos com nomes de generais: Jerônimo, Leônidas,

Aníbal...estranha metáfora para o que aconteceria após: meu coração sofreu sim muitas tentativas de invasão, mas jamais foi conquistado. Eu faria uma “guerra de guerrilhas” com um amante após o outro até os pôr para fora. E entre fugas, gritos e emboscadas na “hora da saída” foi que conheci “meu melhor amigo imaginário”, que eu sei que não tem cor, nem cheiro, nem gostos, nem nada que não seja emprestado de alguém. Ele não existe de fato, só é. E está ali, como eu, sendo atravessado por milhares de enredos e tramas das quais não faz parte. Explica-se: na minha escola eu era a única garota com a capacidade de ser transparente. Quando todos se orgulhavam de suas origens, na aula de História, elas não apareciam, porque entre outras coisas sei pouco das minhas origens “de verdade”. Elas foram emprestadas de apenas um lado da família: portugueses, espanhóis, franceses e até holandeses. Então estudei a história da Colonização e da disputa por fronteiras em meu estado de criação, e logo apareceram em minha mente a História de Portugal e da Espanha, a influência de França e Holanda e até da Inglaterra, onde nasci... “índios” e negros são generalidades. Sem línguas próprias ou costumes que os diferencie, sabia-se apenas que tinham sido “escravos” e tudo o que a eles dizia respeito virava um tipo de folclore. E só. Sim, pouco mais tarde, garimpando as bibliotecas, onde mais uma vez ninguém ligava para o que eu estava fazendo, soube que formavam nações e línguas próprias, mas e daí? Seus mais dignos representantes encontravam-se às margens da sociedade, onde eu quase não os via, e minha família tentava me ensinar a temê-los também, não necessariamente por suas cores, mas também porque esta mesma cor que era a minha denunciava sua condição de pobreza e, portanto, capazes de coisas que só a necessidade pode obrigar alguém a fazer. Ou não. E foi aí que percebi que parte dos

olhares estranhos que pesavam sobre mim eram a busca por segurança. E passei a acreditar na necessidade de me dar a conhecer melhor, para ser aceita. Nunca deu muito certo, mas continuo tentando. Por outro lado, às vezes, a ruindade de coração encontra a necessidade, num casamento perfeito que irá justificar tudo o que se pensa de todos os outros. “Um faz e todos pagam” parece ser a máxima. E sim, confesso que, no fim das contas, minha família não teve muito sucesso, embora hoje reconheça suas boas intenções. Eu vivia tentando em vão encontrá-los, conversar com eles, compreendê-los. Mas eles sentiam o perigo. Eu era um problema, poderia trazer confusões com a família. Com o bairro. Com os patrões. Com a polícia. Então, me rechaçavam. Minha infância está semeada com episódios em que eu me escondia para ver os trabalhadores nas fábricas em seu momento de almoço, quando puxavam um sambinha e contavam piadas sujas para espairecer; os ciganos montando acampamento com suas lindas roupas coloridas e *motorhomes*, enquanto eu, escondida embaixo dos *trailers* me perguntava como as ciganas conseguiam trabalhar tanto, equilibrando-se naqueles saltos imensos, em meio a toda aquela lama. Certa vez ainda segui um velho índio que vendia ervas na feira para ver onde morava, até que me perdi. Encontrei um policial e informei o nome da rua e o número da casa em que morava. Mas ele também não sabia, então só consegui voltar para casa à noite, e pensei que minha mãe iria me bater. Mas na verdade, eu acabei ganhando um pedaço de torta de morango mais cedo, de tão alegre que a família ficou com meu retorno, mal conseguiram fingir braveza na bronca que levei. Eu devia ter mais ou menos uns 10 anos quando isso aconteceu. Naquele tempo, eu pensava em compreender a diferença tendo como ponto

de partida tudo o que separava. Hoje, percebo que não é assim. É justamente o contrário

Hoje sei que tenho sim uma pequena história que participa de um afluente deste grande Rio que é a História da Humanidade. Só que é uma história emprestada.

Sonegada, talvez?

Acho que meu melhor amigo só se manifesta nos corredores porque a verdade é que eu posso passear por todas essas salas, corredores, halls e portas trancadas para os que “não estão autorizados ao acesso”, sem encontrar uma só pessoa que me seja semelhante. Penso também que foi só quando tomei consciência de que não poderia pertencer a lugar algum mesmo, é que ele veio, como uma compensação para a solidão. Compreenda-se! Naquele momento eu tinha uma imensa sede de pertencimento, mas em mim residia um temor grave de que, se eu rebentasse com as represas que encobriam a intensidade de meus sentimentos, poderia fazer gritar de dor as finas paredes daquele pequeno microcosmo que me servia de abrigo. Era aquele meu mundo, afinal de contas. E eu não tinha a intenção de afogar minha família em lágrimas. Colecionava véus agora, com os quais dançava no escuro, girando sob mim mesma, mas ainda sem coragem de jogá-los ao chão e desnudar-me senão para os outros, ao menos para conhecer minha própria nudez. E então, ele surge em minha vida. E me diz coisas que trazem a todo aquele cenário um sentido inimaginado até então. Geralmente tentando me mostrar as vantagens deste tipo tão específico de solidão. Mas isso é o que eu acho.

Da primeira vez em que ele apareceu para mim, eu era assim muito, muito pequena. Me lembro de estar com medo, numa noite de tempestade, chegando com minha mãe e as malas a uma terra estranha, e fria, em que gigantes marmóreos

sorriam para mim e eu não sabia dizer bem o porquê. Só lembro de uma escuridão, flashes repentinos, o barulho de trovões e sorrisos inexplicáveis. Eu pedia para ir embora e queria chorar. Organizando a memória, sei que este foi o dia que cheguei de Londres no Brasil, e o clima aqui estava pior do que o de lá – onde era verão. E que atrás da cristaleira, onde ainda era mais escuro do que o normal, ele me viu e piscou para mim: “Ei, pare de chorar! Vai acordar monstros terríveis! Não tenha medo da tempestade solta, pois você também é o escuro da noite...”. “Como assim?” – Respondi. Então ele comentou, meio que desinteressado. “Alguém disse isso. Lispector, eu acho. Não importa. Entenda que a tempestade é também sua mãe. E a chuva. E também a terra que a recebe. O que há para temer? A noite será seu manto, para sempre. E o que você ouve agora e não entende, e acha que é o trovão um ribombar oco no céu prestes a rachar-se em dois – e esses raios riscando prateados parecem mesmo grandes rachaduras numa louça prestes a espatifar-se de vez, eu sei – é seu pai, e ele lhe saúda. Ele não está bravo com você, mas feliz em te ver na sua casa”. Sorri, mas não pude deixar de ver aquilo como estranho. Meu pai havia ficado na velha Londres sozinho em uma estação de trem ensolarada e eu não podia imaginá-lo bravo comigo então do que aquele menino estava falando? Aos poucos nossa comunicação foi fluindo melhor. Eu consegui, inclusive aprender com ele uma língua própria, quase sem palavras, mas de gestos e sons guturais. Uma dança só minha. Canções sem sentido. E como eu tinha amor a tudo o que não fazia nenhum sentido! Era este mundo, o das coisas “reais” que eu me esforçava tanto em compreender e que, no entanto me entediava até a morte! Já as coisas que não fazem sentido nenhum como o amor, o carinho, a piedade, a solidariedade... coisas que trazem calor ao peito e

sorrisos aos olhos. Coisas inocentes que os bichinhos, as plantas e até as pedras são capazes de nos emprestar, quando nos falta, mas só se conseguimos prestar atenção a eles. Como este meu amigo que apelidei de “Lilo” eu também não fazia sentido nenhum onde quer que fosse. E aprendi a amar os campos vastos, os abismos repentinos, as paisagens que deles se descortinavam... todas as amplidões e a “sozinhos” dela consequente. Porque era ali, na aventura e na descoberta íngreme e difícil que residia o imaginário, o impossível, o “nonsense”. Lilo sabia disso e só se manifestava nas salas escondidas e corredores apertados, vazios, climatizados e assépticos, algumas vezes em elevadores e salas de estudo, outras em pequenos cubículos apertados e sujos, como salas de bagunça, galpões e armários de vassouras por seu desejo próprio de me ajudar a viver em paz... mas não era ali que ele morava e nem amava estar. Estava e era por mim, de um modo que ninguém jamais seria. Nem minha mãe. Quando eu era criança, eu gostava muito mais dele porque, como eu, ele era também completamente transparente, tanto era verdade que só eu o via e parecia-me que era só meu. E também, que ele não queria mesmo aparecer para mais ninguém, tanto é que sumia a menor aproximação de qualquer outra pessoa... com o tempo, os vizinhos me acusavam de falar sozinha, e, para não assustar minha família, eu dizia que não era nada...que só cantava baixinho no caminho da escola para me distrair, e as pessoas, como não ouviam a canção, diziam que eu discursava. Isso satisfez a todos por um tempo. Enquanto isso, ele me ensinava coisas úteis. Como lidar com as pessoas difíceis. Como trazer para perto as mais fáceis. Como encantar quando necessário. Como machucar, se preciso. E a me defender. E, apesar de ser tão transparente, invisível mesmo às pessoas comuns, eram

sempre tão coloridas e brilhantes suas roupas que não havia como meu coração de criança não se maravilhar. E os acessórios!!! Por vezes guizos, outras vestidos de lantejoulas – não, ele não tinha medo de se parecer com mulher, até usava maquilagem se necessário – mil franjas de seda, todo o tipo de echarpes, e lenços, e ponchos multicoloridos... certa vez eu, sempre tão moleca, confessei a minha avó que queria muito um “vestido dourado”! Mas não era um desejo real, só a canção... “Minha vida era vestida de dourado, eu vivia num palco iluminado, palhaço das antigas ilusões”. Toda a vez que ele cantava isso, o ar se enchia de um cheiro de algodão doce com caixa de costura, um saquinho de retalhos meio fungo, meio sabão em pó... Ele me ensinou a dançar sozinha quando as coisas pareciam ruins demais. Ou boas demais. De paixão ou só por nada... saciar essa vontade louca. Eu requebrava ao sabor de todos os tons e ouvia, por trás de sorrisinhos marotos de adultos “Essa aí não nega... quem sai aos seus não degenera.” E eu sorria, pensando que me elogiavam. Talvez sim. Mas eu sentia em alguns sorrisos certo deboche. Com ele aprendi a gostar de chapéus e de todas as amigas, sou eu quem tem a maior coleção...na verdade, foi com ele que aprendi a colecionar: selos, pedras e conchas. Amores, histórias, derrotas... poucas vitórias eu tive, de fato, e todas vieram com o travo doce e metálico do sacrifício. E foi a somatória destes sacrifícios, de tudo o que ficou para trás, que fizeram com que meu amigo fosse assim...sumindo. No início, foi lento... uma roupa desbotada que ia ficando cada vez mais puída...uma transparência nos olhos que ia tomando conta da pupila, como uma catarata...um brilho estranho que começou a “pratear” os pelos de seu corpo e ia, aos poucos, tomando conta de todo o cabelo. Aos poucos, independente do que eu fizesse, do quanto eu o quisesse, ele ia



rareando suas visitas, tornando-se assim mais discreto em suas vestimentas, suas músicas mais distantes e tristes... Certa vez, confessei que tinha medo que ele fosse embora para sempre, que morresse e que nunca mais nos víssemos... mas ele disse que não, não era possível. Diferente de mim, ele viveria para sempre. E quando as luzes se apagassem para esta minha vida, ele viria correndo me buscar, com uma tocha nas mãos como um corredor de Olimpíadas.

A adolescência de todo mundo é um caos. Eu nem tenho por que pensar que a minha foi pior ou melhor que a de ninguém. Se por um lado, me parece que me diverti mais, usufruindo da liberdade que minha mãe me garantia e que minha própria força e habilidade atesta o merecimento, por outro, a invisibilidade se desdobrou em muitas outras. Sete véus de desencanto ocultavam alguém com as emoções resplandecentes de hormônios em explosão, como fogos de artifício. Eu tinha aprendido que, se eu não podia ambicionar condescendência deveria saber me destacar. Melhores notas na infância, líder estudantil no ensino médio...o que poderia dar errado? Uma ou outra desilusão, talvez. Roubo maiores, mais sérios: vagas de emprego por conta do quesito “boa aparência”, discursos, textos, elaborações técnicas e políticas por conta do machismo da época – sempre haverá um homem capaz de repetir o que você pensou palavra por palavra e contou para ele primeiro na ocasião certa, e sempre irão aplaudi-lo depois mesmo que você tenha dito exatamente o mesmo antes – e chances de me destacar que foram sendo eclipsadas aos poucos. Por vezes, eu mesma me retirava de cena. Não saberia mesmo o que fazer se, de repente, subisse ao pódio. Neste momento, meu melhor amigo invisível tinha aprendido a me provocar, e insinuava coisas maldosas acerca das pessoas que eu amava, meus amigos e companheiros de modo geral. Também

questionava minhas motivações, explicitava meus temores infantis, trazia perguntas inconvenientes demais para quem estava em busca de certezas. A minha adolescência, no entanto, era diferente de todas as minhas colegas e melhores amigas brancas. Porque branco é uma cor, mas transparente não é. E os meninos que eu queria nem me viam como algo que não fosse um “grande amigo”. E os “tiozões” farejavam à minha passagem como cães de caça. Logo surgiam muitas propostas: dinheiro, empregos, jantares... Nada muito romântico na verdade. E eu era e sempre fui uma romântica. Aquilo me ofendia profundamente. E era uma adolescente que não se sabia em condições de ser amada, e tinha medo do desejo dos homens, esse sim sempre explícito. Havia a ameaça do estupro e o convite à prostituição, na mesma medida em que floresciam paixões platônicas e inocentes. Se você pensar bem os homens são mesmo engraçados. Nesse momento, alguns me ensinaram que nada havia para temer. Alguns eram tão cheios de promessas que me assustavam ainda mais. E outros ainda, eram meninos apenas, e era eu quem tinha mais o que ensinar fosse de alegria ou de dor. Mas meu amigo não aprovava nenhum deles. E eu o senti distante no dia da minha formatura de ensino médio – que eu não fui. Para que, se não apareceria mesmo nas fotos? Se eu já não tinha nada em comum com minha turma? Se todo o meu círculo de amigos estava fora da escola, entre pessoas mais velhas, ativistas e militantes de um modo geral? Pedi o dinheiro da festa de quinze anos para uma festa avulsa e as parcelas da passagem para Londres, onde iria rever meu pai e conhecer sua família. Mas não, não era ali que estava a história que me fora sonhada. E algo do afeto que queria também com o tempo havia esmaecido.

Certa vez, no ensino médio, de puro ciúmes, uma colega atirou na minha cara que “gente como eu não pertencia nem a sala nem a senzala”. Eu me lembro de, na época, ter achado certa graça, embora tenha recitado um discurso inflamado antirracista, meio que por pura obrigação de fazê-lo. Sim, ela era racista, mas tinha razão! Na sala, eu me sentia provinciana ou exótica. Na “cozinha” (o mais próximo de uma senzala que eu conhecia) eu também não me encaixava. Era inábil, impaciente, brutal. Aprendi a odiar a cozinha como símbolo daquilo que eu não queria para mim: uma existência de assuntos comezinhos, ciclos de ressentimentos mesquinhos sem fim e dócil submissão. A mediocridade da mente aliada ao serviço rotineiro obrigatório – que é muito pior que o serviço militar, diga-se, já que este ao menos tem data para terminar. Eu existia mesmo era entre os espaços e brechas, nos corredores que me levavam de um espaço a outro, onde eu e meu amigo podíamos dançar e cantar em voz alta, e ter conversas verdadeiramente interessantes e rir dos segredos dos outros, por serem tolos e sem sentido. Muitos segredos. Inclusive desta minha colega, que tinha “perdido a virgindade” com um rapaz que saiu com outra dois dias depois... Foi fácil para mim, discretamente, espalhar aos quatro ventos uma conversa que não dizia respeito a ninguém. Uma vingança mesquinha para um insulto menor, e eu pensei que estava bem pago.

Com maior liberdade, fiz um esforço de atravessar as fronteiras familiares antes impostas para conquistar amigos que pouco tinham em comum com minha origem e formação. E, é claro, amigos “coloridos”. Amigos gays, amigas lésbicas, todo um arco-íris de sonhos sexuais, talvez 50 ou mais tons de vermelho. E, é claro, amigos negros. Mas sentia que nem sempre era bem vista ou bem-vinda, já que me era difícil disfarçar meus

privilégios e...bem, não se pode pedir desculpas o tempo todo pelo que você é e muito menos pelo que fizeram de você! Eu me sentia novamente pária. Mas foi justamente com estes que aprendi que em uma sociedade tão desigual e excludente quanto a nossa, “marginal” pode ser mais que uma marca de nascença...pode ser um ponto de equilíbrio para a autoestima. E eu agora aprendia a me equilibrar no fio inquebrantável das expectativas alheias que jamais conseguiria satisfazer.

Quando passei no vestibular, Lilo me pareceu até um pouco decepcionado. Mas não me disse o porquê, e até guardou silêncio por um tempo. Eu sentia que a sua presença estava ali, mas que evitava manifestar-se para qualquer diálogo. E eu me perguntava: será que escolhi o curso errado? Um atalho para o abismo? Um caminho sem volta? Não importava. Eu prosseguiria, na minha filosofia da tenacidade, que sempre soube me valer, apesar de tudo. Aos poucos, ele se reaproximou e na faculdade, aparecia quase sempre entre os corredores e halls desérticos. Mas agora, além de melancólico, parecia assim mais severo. Cobrava coisas, exigia, até gritou comigo algumas vezes e eu não conseguia entender o que estava mudando entre nós. Me ajudou sim, muitas vezes, a concluir trabalhos e a não dormir. E eu dormia cada vez menos, estudava e trabalhava cada vez mais, com ele soprando em meu ouvido “...está lenta, lenta...mais depressa, depressa...” Eu passei a temê-lo e até a odiá-lo por vezes. Quando eu vi meus horizontes se eclipsando, um a um, ele me fez insistir e chegar na reta final mesmo querendo desistir. Vieram as decepções com os amigos; as decepções com as amigas; os rompimentos e discussões com a família; o final frustrante de amores cuidadosamente trabalhados em filigrana de metal. Minha alma tinha os joelhos esfolados e lágrimas de cimento, que endureciam no peito e agora, de verdade, eu nem

sabia mais se tinha valido a pena. Eu tinha visto verdades que não queria enxergar, eu tinha caído para além de levantar no mesmo lugar em que estava e para além do ponto de retorno. Com as certezas abaladas e a perspectiva profissional ainda incerta, sem muitas promessas eu não sabia que ao menos nisso a minha história era igual à de toda uma geração.

Agora, era o dia de minha formatura. Explodi em lágrimas na colação de grau porque ele não tinha se dignado a ir, mesmo sendo o único a saber o quanto tudo aquilo tinha me custado. Sorri em um momento apenas, quando um amigo – dos poucos que me viu chorar, já que conto nos dedos tais amigos – lembrou...”- Parabéns! És a única negra desta formatura.” Então alguém me via em cores, afinal! Mesmo eu fazendo todo o esforço para estar o mais transparente possível! Talvez os véus tivessem se tornado mais finos... Respondi, tímida e feliz, testando um pequeno sorriso que vinha ensaiando a algum tempo: “Não é verdade! Inclusive essa colega aqui é mais negra que eu...” O amigo riu e disse: “Isso não existe, Cal! ‘Mais’ e ‘menos’ é percepção, e você já aprendeu que nenhum de nós vê as cores do mesmo jeito. E além do que, sua colega é africana, eles não se autodenominam negros...você é a única”. Senti-me repreendida como uma garotinha, acho até que fiquei vermelha com aquele sentido algo parecido com: “Você já é uma moça graduada, não pode mais dizer tais besteiras.”

Naquele sorriso eu percebi que alguém me mandava um recado, mesmo não podendo estar, talvez porque ali estivesse mesmo muito cheio de gente. Sorri ao amigo. E meu coração enviou, com toda a força, e mesmo sem ter o endereço, um “muito obrigado” tão forte e luminoso que estremeceram-se as luzes do salão, até que súbito, apagaram-se. E ficamos todos nós ali, invisíveis na escuridão, até a luz se restabelecer.

## Sete Anos

Ginga Vasconcelos

Sete anos se passaram sem que ela conseguisse realmente transpor os limites de um quotidiano seco, estéril, vazio...como podia?

Sozinha, parada diante de um ninho abandonado, é que finalmente se dera conta: os ovos goraram, a pequena pombinha parou de chocar, desistiu e finalmente foi embora.

Suspirou: “É a vida!”

Uma poeira tênue parecia recobrir sala e antessala como um fino véu, mas como tudo se transformara em nada tão rapidamente?

Sete dias atrás, ela ainda varria o pó, passava pano nos móveis, distraía o tédio na faxina com Pagode Anos 90, enquanto o bolo assava no forno.

Na sala modesta ainda havia um sofá cama, uma TV 42’, e a mesa de jantar, herança da avó que ecoava agora: “Para frente é o caminho!” O piso encerado com esmero refletia inexato cortinas floridas de polyester. Depois veio o choque, o conflito e a consequência de uma guerra fria sem fronteiras... depois tudo pareceu se aquietar em mútua deserção.

Em nenhum momento se deixou esmorecer. As tarefas cresciam e cresciam e ela as cumpria com tenacidade e paixão, afastando pensamentos e pequenas dores com novas anotações na agenda. Via a si mesma como uma mulher sem tempo para lágrimas nem paciência para a autopiedade. Mas agora parada diante do ninho abandonado e seus ovos sem vida, apodrecendo ao sol, a promessa interrompida... elas vinham, torrencial como a tempestade da véspera. Como uma rebelião dos sentidos, uma

represa que rebentasse, um terremoto que deixasse expostos rios e rios de lama...

Um barulho invasivo e imprevisto a despista do seu choro convulso. Demora a perceber... são asas! Duas rolinhas invadem sua casa, circulam o seu leito, batem-se contra as paredes e voltam-se para onde ela está. Dão voltas uma atrás da outra, em torno de si mesmas e da sala vazia onde antes havia duas lâmpadas e, então voam porta afora.

Onde estão as malas?

Rumo à incerteza, ao mistério, à alegria e ao sol poente partem dali em perfeito silêncio.

## Do amor e do vento

Ginga Vasconcelos

Eu me casei numa praia  
A Praia da Solidão  
Cercada de montanhas altas, inacessíveis  
Onde descansa teu coração.

Acordo...  
Os olhos ardem secos  
Os cílios encharcados  
Da areia do tempo  
Tudo se vai, desvanesce

Só fica o mar,  
O amor,  
E o vento!



## **Coração Negro**

Ginga Vasconcelos

Meu coração, pedra lascada,  
Afiada lança de corte fino e alma  
Suja, como eu, de sangue e lama,  
Que me incrimina  
Tanto mais negro, quanto mais  
Ilumina!"

\*Homenagem à madrinha Regina Ninô, em sua sensibilidade eterna.

## Noites brancas em Praga

Cecília Schmidt da Cruz

*Para Ynti, que leu este primeiro.*

Éramos um bando de jovens dos quatro cantos do mundo,

Com sangues diferentes e sorrisos iguais.

Mil e um rostinhos de mil e uma terras

Mostrando os dentes a um relógio congelado,

A um calendário em branco,

Às canções ininteligíveis

E às amnésias mais inesquecíveis.

Olhos risonhos pestanejando flocos de neve às quatro da madrugada

Cambaleando pelas ruas daquele país cheio de consoantes

Sabendo exatamente as medidas de altura e largura

De nossa sorte.

Os bolsos cheios de planos,

As mãos transbordando meridianos

E mapas

E bússolas

E pontos cardeais

E para sempre que duraram um segundo.

Noites inteiras viradas nos quartos e cozinhas

De um dormitório três estrelas

Pilhas de corpos bêbados

Ressonando nos mesmos colchões,

Abraçados e eufóricos de estarem juntos

Nesse período de tempo curto

E eterno.

## Três poemas

Dayana Mara Pinto

### *I - Poema Sem Título*

alma

na palma

da calma

na

mão

do

amor

alma

pelada

despudor

alma

descoberta

mente

aberta

alma

energia

multicor

aura

na alma

só se for.

## *II- Vertiginosus.A.Um*

Lânguida, com as pernas entreabertas

Lua, em fase de descoberta

Nua, sinto um ventilar na nuca

Perco a compostura, sabe, eu consigo sentir sua língua fazendo curva nos meus seios rígidos

Arrepio, o rumo e o prumo estão perdidos

Eu penso me transporto transbordo suspiro.

## *III- Amor*

o amor quando aparece

é como luz que rompe a fresta da janela e ilumina a casa

o amor quando aparece

é como aquele sorriso inesperado arrancado no meio da madrugada

o amor quando se faz presente

é como ver a lua cheia em tempos de lua minguante

o amor é mutante

entra em processo de fotossíntese

o amor é árvore com galhos, folhas e raiz

o amor se multiplica como se fosse jardim com girassóis, bromélias e flores raras

o amor é essa cidade

com suas ruas e esquinas

o amor é esse pássaro tatuado na tua pele  
ou aquele passarinho no poste cantando em fá maior  
o amor é esse animal que faz revoada  
o amor bate asas  
o amor é escuta  
escuta  
o amor é fala  
fala.  
o amor é esse tremendo agora  
esse copo de cerveja que a gente divide  
esse domingo de calor  
essa inteireza tanta  
o amor é esse batismo que molha nossos corpos  
o amor é esse mundo habitando nosso tesão  
o amor é um planeta orbitando nesse orgasmo  
o amor é a nossa troca de salivas  
o amor são ondas de 10 metros  
o amor é esse estalar de dedos  
o amor é essa linha tênue entre sonho e realidade  
o amor tem esse tom de ora paz, ora agilidade  
o amor é essa bandeira que a gente levanta  
o amor é um movimento químico em plena combustão  
dois pra lá, dois pra cá  
vem dançar comigo, vem?  
o amor nos faz crescer juntas, distraidamente

## Amarelo

Eloisa da Silva

Quando estou fora  
Ainda me sinto do lado de dentro  
Vejo uma saída  
Mas existem outras portas para abrir  
Algumas estão emperradas  
Outras abrem para cômodos onde não quero estar  
Esses cômodos têm janelas antigas onde vejo a vida passar  
Bem devagar  
No quintal do vizinho tudo é igual, tudo é normal  
Bebidas, som alto nos carros, gente falando qualquer coisa  
Lá longe, os encontros, os abraços, o conhecimento...  
Aqui dentro, o pó, as memórias, os desejos...  
A donzela na Torre, esperando o Príncipe chegar e me libertar  
Já não posso acreditar  
Tenho que sair  
Arrombar as portas  
Quebrar o assoalho  
Provocar um incêndio  
E do amarelo das chamas que destroem  
Vou caminhar  
Rumo ao amarelo  
Brilhante  
Do sol

## Tudo é ciclo

Helena Cirimbelli

Todos nós somos um mundo,  
e assim como o mundo,  
temos nossos dias nublados,  
nosso sol,  
nossos dias frios,  
nossa primavera florida  
e nossos invernos solitários.

Tudo é ciclo.

Equivocado é se apegar a um dia nublado e viver nele como se fosse o último,

como se por trás das nuvens não houvesse um sol.

A verdade é que sempre há.

Com a natureza a gente aprende a ver,

observe,

sinta,

abra os olhos

para o mundo.

Não se desmotive.

E quando isso acontecer,

não se culpe,

não culpe sua vida,



não culpe nada,  
assim como a paciência de um dia cinzento  
ou a bravura de uma tempestade,  
enfrente esse ciclo que logo seu sol  
aparecerá novamente.

## Como uma menina que corre para devorar o lobo mau

Julia Pozzetti

Tornozelos, unhas ariscas  
multicolor, rosa goiaba  
lóbulos floridos, oncinha da calcinha  
aos olhos, lamparinas  
de ondas ensanguentadas,  
lascas nos olhos  
ensombrecidos de negro, azul  
violeta, e a violência  
na renda preta das meninas

Diz pra ele que essa renda na meia  
é a costura na pele dos seus lapsos  
de ternura  
espicaçando  
uma carne defumada  
na teimosia de sofrer  
o gozo

Que eu aprendi a rendar e a costurar com as avós  
e saio por aí como um arquivo de amor ambulante  
curtida em sal marinho  
fervendo no asfalto brilhante

E que é para ele só meio se apartar  
que posso lhe eclipsar  
invadindo com heras e blasfêmias  
seu racionalismo estéril  
seu marxismo ortodoxo  
seu libertarianismo budista

Que eu troco de pele como cobra  
cobrindo com uma pele fina a pele das pernas  
e com uma camada de vermelho o vermelho da boca  
feminil selvática rapsoda  
que eu sou mesmo  
uma música sertaneja das piores  
pidoncha com muchocho  
e troco um eu te amo meu  
(verdadeiro ou não)  
por uma noite sua

Que essa rebeldia que delego à derrota  
de uma subordinação subversiva  
é, para no limiar da violência e da ternura,  
equilibrar no salto alto  
uma delicadeza quase insuportável

## Ser repórter

Maiara Passos

Ah, essa pessoa que consegue captar o tempo de ouvir, de perguntar e de silenciar.

Que encontra as melhores narrativas fora do trajeto comum.

Trabalha constantemente para enxergar além do que suas vistas, acostumadas com a rotina, conseguem ver.

A pauta se move e ela precisa acompanhar.

Ela busca além da entrevista institucional ditada pelos governos e diretores.

Essa profissional, a cada nova imersão numa reportagem, se despe de seus conhecimentos para conhecer o outro.

Deixa de lado o questionário pronto para ser surpreendida por outras respostas.

As melhores narrativas possuem olhar, possuem cheiro, possuem sabor. Nos movem para determinada cena, nos levam ao encontro da repórter.

Sáímos da nossa perspectiva para ver o mundo sob outro ângulo.

Chegamos na última linha com vontade de ler de novo.

O texto tem poder.

Instiga expectativa, faz repensarmos conceitos.

Mais do que isso: a autora entrega a obra, mas é a leitora que interpreta e dá a ela novos sentidos.

A repórter se transforma quando escreve.

A leitora se transforma quando lê.

**17 de abril de 2016**

Naylane Araújo Matos

Desci pelo buraco do coelho,  
Tomei um chá com o chapeleiro,  
Tudo está completamente nonsense.  
Alguém me acorda dessa wonderland?

Cunha, disfarçado de Rainha Vermelha, já mandou cortar todas as cabeças.

# Golpe

Naylane Araújo Matos

É madrugada,  
Meu sono interrompido.  
O mood é sombrio,  
Como meu quarto escuro.

Imagens latentes:  
Pobres e pretos  
Mulheres cis e trans  
Bichas e Indígenas

O golpe é em mim,  
Em todo o meu ser.

Cansada, volto a dormir  
E sonho.  
Um grito vem das minhas entranhas:  
Voraz, vibrante, violento.

Me encontro agora no Coração das Trevas  
The horror! The horror!

## **Julgamento**

Naylane Araújo Matos

30 de agosto de 2016

Uma senhora íntegra,

81 senadores,

Um julgamento,

Crimes de responsabilidade fiscal.

De um lado,

Ataques e misoginia;

Do outro,

Uma mulher forte

Lutando em nome da soberania popular.

81 senadores,

61 disfarçando sua hipocrisia

Em nome de Deus,

Do progresso,

E da família.

31 de agosto de 2016

Lewandowski dizia:

**CULPADA**

Golpeando a nossa jovem

Democracia.

## **Intolerância patriotista**

Naylane Araújo Matos

Um barquinho pra pescar  
No sítio de um operário, incomoda.  
A vista pro mar  
Se for de um operário, transtorna.  
Um apartamento na Avenue Foch  
Toda a gente ignora.

Operário presidindo o país,  
Pobre andando de avião,  
Preto na faculdade,  
Isso não pode, não.  
Mulher denunciando marido,  
Gay legalmente dizendo SIM,  
A mina lutando por seus direitos,  
Aí já é o fim.

Prende esse ladrão.  
Dobra a passagem de avião.  
Cala a boca da mulher.  
Devolve o gay pro armário.  
E preto, só se for pra limpar o chão.  
Porque igualdade e liberdade  
O Brasil não tolera, não.



## **Fascistas também sentem saudade**

Naylane Araújo Matos

Os fascistas não estão mais longe de nós

Eles tomam café na nossa mesa

Nos preparam o jantar

Mandam mensagem pelo WhatsApp

falando de saudade

Os fascistas não estão mais longe de nós

Eles brincaram conosco de amarelinha

Nos ensinaram a fazer contas

Ouviram nossos segredos

Choraram junto vendo uma comédia romântica

Os fascistas não estão mais longe de nós

Eles dividem conosco o banco da igreja

Nos ajudam a carregar as compras

Sorriem de longe enquanto param o carro

para atravessarmos na faixa de pedestre

Os fascistas não estão mais longe de nós

Eles se candidatam à presidência da república

Disseminam ódio nas redes sociais

E são chamados de mito

por aqueles que estão perto de nós

**Laboratório de Aatoria**



Núcleo Literatual  
[www.literatual.ufsc.br](http://www.literatual.ufsc.br)



Fundação  

---

Cultural BADESC  
Fundação Badesc

[www.fundacaoculturalbadesc.com](http://www.fundacaoculturalbadesc.com)

